



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS V – MINISTRO ALCIDES CARNEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

PRISCILLA LEMOS QUEIROZ CAPPELLETTI

A REVOLUÇÃO BOLIVARIANA EM 140 CARACTERES:
o Twitter como nova arma do discurso chavista

JOÃO PESSOA

2011

PRISCILLA LEMOS QUEIROZ CAPPELLETTI

A REVOLUÇÃO BOLIVARIANA EM 140 CARACTERES:

o Twitter como nova arma do discurso chavista

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como requisito parcial à obtenção da graduação em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Enrique Ruiz Ferreira

JOÃO PESSOA

2011

C247r Cappelletti, Priscilla Lemos Queiroz.

A Revolução Bolivariana em 140 caracteres: o Twitter como nova arma do discurso
chavista / Priscilla Lemos Queiroz Cappelletti. – 2011.

55f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) – Universidade
Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, Curso de Relações
Internacionais, 2011.

“Orientação: Prof. Dr. Carlos Enrique Ruiz Ferreira, Curso de Relações Internacionais”.

1. Mídia Política. 2. Mídia Privada Venezuelana. 3. Revolução Boliviana. I. Título.

FOLHA DE DEFESA COM OS MEMBROS DA BANCA

ALUNO(A): PRISCILLA LEMOS QUEIROZ CAPPELETTI
MATRÍCULA: 081520093

***A Revolução Bolivariana em 140 caracteres: o Twitter
como nova arma do discurso chavista***

Monografia apresentada ao Curso de Relações
Internacionais da Universidade Estadual da
Paraíba.



Professor(a) Carlos Enrique Ruiz Ferreira (Orientador(a)) - UEPB



Professor(a) Silvia Garcia Nogueira - UEPB



Professor(a) Marco Antonio Mitidiero Junior - UEPB

João Pessoa, 02 de dezembro de 2011.

AGRADECIMENTOS

À minha família, que sempre buscou me incentivar nas horas em que duvidei se deveria continuar no curso. Se me torno internacionalista, é devido ao sonho de meus pais de ver sua filha graduada e pronta para um futuro profissional, aos conselhos de meu irmão que acalmaram minhas incertezas e às conversas informais com minha irmã as quais mostraram que tenho um mundo de oportunidades em minha frente.

Ao meu namorado, Ricardo, que nunca fez questão de escutar minhas reclamações acadêmicas.

Aos meus amigos, pois compartilhar risadas sempre foi o melhor remédio para esquecer o nervosismo do seminário a apresentar no dia seguinte, a apreensão de ler as toneladas de apostilas em cima da cama e a ansiedade da prova que estava por vir.

Aos professores, que contribuíram em meu crescimento pessoal ao compartilhar seus conhecimentos. Em especial, ao professor Carlos Enrique, que dedicou seu tempo para ajudar em minha pesquisa monográfica.

À pós-modernidade, pois a racionalidade cansa.

Ao Posto 6.

*“Não é sabido pretender obter resultados distintos
aplicando-se o mesmo comportamento”
(Albert Einstein).*

CAPPELLETTI, Priscilla Lemos Queiroz. **A Revolução Bolivariana em 140 caracteres: o Twitter como nova arma do discurso chavista.** Monografia de Conclusão de Curso da graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, 2011.

RESUMO

A Venezuela é um Estado democrático desde 1958. A ascensão de Hugo Chávez ao governo a partir de 1999 representou, contudo, uma nova etapa na implementação da democracia no país, implicando no rompimento de conceitos e práticas antes consolidados. A esse cenário político, marcado por uma política de esquerdização e de mudança estrutural, o presidente venezuelano vem denominando Revolução Bolivariana. Nesse contexto, a mídia privada venezuelana tem se apresentado como um dos principais adversários políticos do governo chavista, desenvolvendo uma imagem negativa do presidente e das ações governamentais, o que culminou, inclusive, na promoção e no planejamento de um golpe de Estado e na convocação de uma paralisação nacional. Diante disso, este estudo monográfico busca analisar como o Twitter se insere na estratégia discursiva do presidente venezuelano Hugo Chávez de promoção da Revolução Bolivariana frente ao conflito informativo que este enfrenta perante a mídia privada do país. Para tanto, o estudo é norteado por uma pesquisa metodológica interdisciplinar, a qual envolve conceitos e premissas de Análise de Discursos, Relações Internacionais, Comunicação Social e História.

Palavras-chave: Venezuela. Hugo Chávez. Revolução Bolivariana. Mídia privada venezuelana. Twitter.

CAPPELLETTI, Priscilla Lemos Queiroz. **The Bolivarian Revolution in 140 characters: Twitter as a new weapon of the chavista speech.** Final Paper of International Relations Graduation at Universidade Estadual da Paraíba, 2011.

ABSTRACT

Venezuela is a democratic state since 1958. The ascension of Hugo Chávez towards the government in 1999 represented, however, a new stage in the implementation of democracy in the country, implying the disruption of concepts and practices previously consolidated. This political scenario, which is marked by a more left-wing oriented policy of structural shift, has been called Bolivarian Revolution by the Venezuelan president. In this context, the private media of Venezuela has been presented as one of the major political opponents of the chavista government, developing a negative image of the president and the government actions, which ultimately caused the promotion and planning of a coup d'état (putsch) and the summon for a national strike. Given these facts, this study aims to analyze how Twitter fits in the discursive strategy of Venezuelan president Hugo Chávez in promoting the Bolivarian Revolution against the informative conflict that he faces before the country's private media. For this matter, the study is guided by an interdisciplinary methodological research that involves concepts and premises from Speech Analyses, International Relations, Social Communication and History.

Keywords: Venezuela. Hugo Chávez. Bolivarian Revolution. Venezuelan private media. Twitter.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I: DO PUNTOFIJISMO AO REGIME CHÁVEZ: UMA MUDANÇA ESTRUTURAL NA VENEZUELA	12
1.1 Compreendendo o puntofijismo	12
1.2 Nasce o fenômeno Hugo Chávez	14
1.3 A Revolução Bolivariana	17
1.3.1 Mudança política	19
1.3.2 Mudança econômica	20
1.3.3 Mudança social	22
1.3.4 Mudança de postura no cenário internacional	23
CAPÍTULO II: MÍDIA PRIVADA VEZENEZUELANA VS. HUGO CHÁVEZ: A INFORMAÇÃO EM CONFLITO	25
2.1 Mídia privada na Venezuela: um partido de oposição ao governo chavista	25
2.1.1 O Golpe de 2002 e o Segundo Paro: a mídia privada como ferramenta de convocação e distorção.....	28
2.2 A consolidação do discurso bolivariano nos meios de comunicação	31
CAPÍTULO III: @CHAVEZCANDANGA	36
3.1 Uma breve noção sobre o Twitter	36
3.2 Hugo Chávez: um twiteiro da Revolução Bolivariana	39
3.2.1 O contato direto com a população	41
3.2.1.1 <i>A provocação à oposição nacional</i>	43
3.2.2 A defesa de um mundo multipolar.....	44
3.2.2.1 <i>O ideal bolivariano de integração latino-americana</i>	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	51

INTRODUÇÃO

A Venezuela é um Estado democrático desde 1958. A ascensão de Hugo Chávez ao poder a partir de 1999 representou, contudo, uma nova etapa na implementação da democracia no país, uma vez que implicou no rompimento de valores e práticas antes consolidados e na instauração de uma política de esquerda. Nesse cenário, os meios de comunicação se tornaram palco de um conflito informativo, em que a oposição constrói uma imagem negativa do governo, ao passo que este busca desconstruí-la.

O puntofijismo foi o regime democrático vigente na Venezuela entre o período de 1958, ano em que se restabeleceu a democracia no país, e 1998, momento em que Hugo Chávez se elege pela primeira vez. Seu nome remonta ao Pacto de Punto Fijo, assinado em 31 de outubro de 1958, por três partidos venezuelanos- o Partido Social Cristão, a Ação Democrática e a União Republicana Democrática, os quais afirmavam firmar uma cultura de diálogo político visando assegurar a democracia recém-instaurada.

O discurso puntofijista era marcado pela defesa da constitucionalidade e do processo eleitoral, em específico frisavam o direito de representatividade que o povo possuía nas eleições periódicas. Além disso, condenavam veementemente o Partido Comunista e davam ênfase à relação de cooperação com os EUA. O principal foco político-econômico era o petróleo, produto cuja venda propiciava uma grande entrada de divisas no país, o que possibilitou a estabilidade do regime durante 30 anos.

A crise da dívida e a queda dos preços do petróleo na década de 1980, contudo, provocaram uma recessão econômica no país e um conseqüente abalo na legitimidade do puntofijismo. Diante disso, os sucessivos governos do regime decidiram adotar as recomendações dos países ocidentais, promovendo uma reestruturação interna de natureza neoliberal¹, a qual provocou, no entanto, o decréscimo dos índices socioeconômicos na Venezuela.

¹ Neoliberalismo, segundo Boaventura (2008), diz respeito ao discurso predominante da globalização, caracterizado por quatro aspectos: economia liberal, política liberal, Estado mínimo e primazia do sistema legal do Estado de Direito. Refere-se, assim, ao consenso baseado em um modelo social e econômico voltado para a liberalização, a privatização e as relações de mercado, em que o Estado deve intervir minimamente para diminuir seus efeitos nocivos sob a sociedade e pelo qual os direitos civis e políticos devem ter prioridade em face dos direitos sociais e econômicos.

Conforme expressa Uchoa (2003, p.156):

[A partir da crise], o país adota a ortodoxia econômica: juros altos, restrição monetária e creditícia, perda real nos salários e redução do gasto público. Até o fim da década, os resultados serão amargos. Entre 1980 e 1990, o PIB recuou 6,8%, com o desemprego chegando a 11%. O salário real se depreciou 39%, e a inflação saiu de 12% para 135%.

Nesse contexto, uma série de protestos, saques e distúrbios foi protagonizada pela população, culminando, em 1992, na tentativa de Golpe de Estado liderada por Hugo Chávez. De acordo com Bandeira (2002), apesar do fracasso, o golpe possibilitou a ascensão definitiva deste tenente-coronel no cenário político interno, tornando-o popular, principalmente, nas camadas sociais mais desfavorecidas.

Em 1998, com a manutenção dos desequilíbrios socioeconômicos, o discurso de quebra do puntofijismo e de reestruturação interna era o que melhor interpretava as insatisfações e reivindicações do povo, o que tornou possível a eleição legítima de Hugo Chávez à presidência da Venezuela. Desenvolve-se, a partir de então, a Revolução Bolivariana.

A Revolução Bolivariana representa, portanto, uma mudança estrutural na realidade venezuelana. No plano político é promulgada uma nova Carta Magna, a Constituição Bolivariana, que traz em seu seio uma série de inovações, como o Congresso unicameral e o alargamento da participação popular nas decisões políticas. No econômico, critica-se o neoliberalismo ao passo que paulatinamente se instaura um regime socialista voltado para a satisfação das necessidades fundamentais da população. O campo social é caracterizado pela implementação de programas que buscam reverter a situação de exclusão vivenciada pelas camadas menos favorecidas. No cenário internacional, por sua vez, o país tem progredido no intento de construir um mundo multipolar, menos influenciado pela política estadunidense.

Diante desse quadro, a mídia privada na Venezuela, centrada e concentrada em uma rede restrita de grupos empresariais, que defendem os interesses capitalistas e buscam manter seu poder social e seu prestígio político resultantes do regime anterior, atuam como um forte partido opositor ao regime chavista², constituindo-se, através do controle midiático, em “um instrumento chave de poder” (FEIJÓO, 2005, p.44).

² No presente estudo, adota-se o conceito de partido político como associação de pessoas em uma organização estável que possuem uma ideologia comum e que buscam exercer influência sobre a determinação política de um Estado. Com isso, busca desvincular-se do conceito moderno, intrinsecamente vinculado à personalidade jurídica, focando-se na finalidade dessas associações.

Desde o Golpe de Estado de 1992, seu editorial tem procurado desfigurar a imagem de Hugo Chávez, ao mesmo tempo em que busca reforçar a conveniência de um sistema voltado ao capitalismo neoliberal. Para tanto, manipulam a opinião pública por meio da seleção de temas e notícias.

A tentativa de deposição do presidente Chávez através de um Golpe de Estado em abril de 2002 insere-se nessa perspectiva, uma vez que não teria sido possível sem o concurso dos meios de comunicação privados venezuelanos, que atuaram por meio da convocação popular e da distorção dos fatos. Nesse sentido, alguns autores afirmam ter se tratado de um “golpe de Estado midiático” (MARINGONI, 2004, p.32; ROVAI, 2007, p.17; UCHOA, 2005, p.73).

De forma semelhante, a paralização nacional em dezembro de 2002, que buscou destituir o presidente venezuelano a partir da desestruturação econômica, não teria ganhado amplitude se não fosse a campanha midiática diária. Nesse período, foram ao ar mais de dezessete mil inserções do bloco oposicionista ao governo, a Coordenação Democrática (MARINGONI, 2004).

Essa experiência vivenciada pelo presidente venezuelano refletiu em sua estratégia discursiva. A partir desse momento, tomado pelo o que ele denominou “obsessão comunicacional” (HARNECKER, 2002, p.69), o governo chavista tem procurado avançar e consolidar seu discurso nos espaços de comunicação.

Nesse sentido, cria-se a rede estatal de televisão VIVE, em 2003. No ano seguinte, a base governamental aprova no Congresso a Lei de Responsabilidade Social de Rádio e TV. Em 2005, surge a Telesur e, em 2011, a União Latino Americana de Agência de Notícias, ambas baseadas em uma estratégia comunicacional multi-estatal. A partir de 2007, o governo consolida o investimento na mídia comunitária, tendo em vista que, no contexto do golpe e da paralização, foram eles que difundiram a informação real do que se passava (TAVARES, 2005). Por sua vez, o Programa Aló Presidente, existente desde 1999, consolida-se, na medida em que é transmitido por um número crescente de canais de TV e emissoras de rádio, além de estar disponibilizado na *Internet*.

Diante do que foi exposto, o presente estudo monográfico se propõe a analisar como o Twitter se insere na estratégia discursiva chavista de promoção da Revolução Bolivariana frente ao conflito informativo que o governo enfrenta perante a mídia privada do país. Dessa forma, busca-se demonstrar como essa ferramenta comunicacional representa importante meio para a consolidação do discurso chavista, uma vez que o bolivarianismo é promovido sem interferência dos grupos opositores.

A escolha do tema partiu de um interesse pelos estudos incipientes a respeito do papel da mídia no cenário internacional, em especial àqueles que procuram discutir sua emergência como ator internacional. Entender como esta influencia em questões políticas, econômicas, culturais e sociais é primordial para as Relações Internacionais.

Nesse sentido, a pesquisa está permeada por uma ótica construtivista modernista-linguista³ das Relações Internacionais, a qual combina hermenêutica subjetiva com um interesse cognitivo conservador em explicar a realidade (CAMARGO, 2011). Partindo da premissa de que o mundo é socialmente construído através de interações intersubjetivas, essa vertente busca compreender o mundo social a partir das práticas textuais e discursivas, criadas com o fim de promover e consolidar os significados e valores que orientam e formam a ação política. Enfatiza, assim, o papel das ideias para a legitimação do poder de um regime, considerando a identidade e os ideais como centrais para a constituição do mundo político.

Os meios de comunicação, dessa maneira, tornam-se peças-chave na compreensão da realidade. Isso porque são instrumentos pelos quais os discursos se propagam e se desenvolvem, podendo promover o predomínio de uma narrativa sobre outra e, conseqüentemente, de um grupo de valores sobre os demais.

A pesquisa está dividida em três partes. O primeiro capítulo contextualizará o surgimento da Revolução Bolivariana e apresentará as mudanças estruturais resultantes desse processo. O segundo capítulo é dedicado ao conflito informativo existente entre a mídia privada venezuelana e o governo chavista. Por fim, o terceiro capítulo analisará como o Twitter de Hugo Chávez se insere na estratégia discursiva chavista, apresentando inicialmente, porém, uma breve noção acerca dessa ferramenta comunicacional.

Para a consecução dessa pesquisa foi realizado um estudo interdisciplinar, norteado por conceitos e premissas de Relações Internacionais, Análise de Discursos, Comunicação Social e História, de modo a oferecer uma explicação mais bem argumentada e coerente do tema em análise. Além disso, meu perfil no Twitter (@plqcappelletti) foi utilizado para aproximação e observação do objeto do estudo, qual seja o Twitter de Hugo Chávez (@chavezcandanga).

³ A identificação das diferentes vertentes do construtivismo no presente estudo monográfico se baseia na classificação apresentada pela autora Júlia Camargo (2011). Ela divide o pensamento construtivista em quatro correntes: modernistas, modernistas-linguistas, radicais e críticos.

CAPÍTULO I: DO PUNTOFIJISMO AO REGIME CHÁVEZ: UMA MUDANÇA ESTRUTURAL NA VENEZUELA

Mudanças estruturais na realidade interna de um país são concretizadas quando os atores domésticos modificam suas identidades e crenças. Dessa forma, buscar entender em que consiste a Revolução Bolivariana é descobrir qual o contexto sócio-político-cultural que propiciou seu surgimento, assim como quais os atores e interesses políticos envolvidos.

O presente capítulo, assim, busca compreender as transformações ocorridas na realidade venezuelana que provocaram a alteração dos valores e significados que orientam a ação política no país. Para tanto, será apresentado um panorama geral sobre o puntofijismo, destacando-se seu discurso e os fatores que contribuíram para seu declínio. Em seguida, será descrita a ascensão de Hugo Chávez na vida política. Por fim, serão analisadas as mudanças estruturais promovidas pela Revolução Bolivariana.

1.1 Compreendendo o puntofijismo

A Venezuela, na década de 1950, experimentava um intenso processo de modernização e urbanização promovido pela renda petrolífera, o qual resultou na construção de vias expressas e edifícios, em obras de infraestrutura, na abertura de inúmeros estabelecimentos comerciais e na sensação de que o país era imune a crises. Esse cenário, porém, estava sendo constituído a partir de governos ditatoriais, pautados pelo enriquecimento individual dos governantes e funcionários, pela perseguição política, pela tortura e, não raro, pela suspensão de garantias constitucionais.

Uma grave crise fiscal e uma população que ansiava exercer o voto tornaram a situação propícia para uma ação conjunta de parcelas da oposição, denominada Junta Patriótica. Constituída em 1956 pelos partidos clandestinos Ação Democrática (AD), Comitê de Organização Política Eleitoral Independente (Copei), União Republicana Democrática (URD) e Partido Comunista da Venezuela (PCV), essa aliança provocou uma ampla mobilização popular, que, após múltiplos confrontos com as forças repressivas oficiais, resultou na queda do regime ditatorial em 1958 (UCHOA, 2003).

Instaurado um governo provisório, os partidos AD, Copei e URD se reuniram, em outubro de 1958, para discutir suas posições frente à conjuntura de então. O documento resultado da reunião ficaria conhecido como Pacto de Punto Fijo:

O Pacto de Punto Fijo tinha a pretensão de reduzir as diferenças ideológicas e programáticas entre seus signatários e lançar as bases para uma convergência de interesses, tendo como ponto de apoio o domínio do aparelho de Estado. (MARINGONI, 2004, p.102)

Nesse sentido, o documento estabelecia um Programa Mínimo Comum e um Governo de Unidade Nacional como forma de garantir a estabilidade do movimento democrático. Firma-se também que a política nacional deveria garantir que o processo eleitoral fortalecesse a frente unitária, mediante a trégua política, a despersonalização do debate e a distribuição equitativa dos cargos políticos entre eles⁴, ainda que se respeitasse a liberdade de nomeação de candidatos e o resultado eleitoral.

A defesa da constitucionalidade e do direito de representatividade, tornou-se, assim, ponto fulcral para o discurso puntofijista desde sua primeira eleição, em 1958. Em decorrência, os ataques ao PCV eram constantes, já que eram “considerados como forças desestabilizadoras do nascente sistema democrático”. (VILLA, 2005, p.153).

A política socioeconômica baseada no petróleo também é característica do puntofijismo desde seu início. A economia era voltada para produção e exportação desse produto (principalmente após sua estatização em 1976), que, por sua vez, gerava a renda necessária para implementação de políticas e obras públicas e para redução de preços e impostos. Isso conferia certa legitimidade ao regime, já que o subsídio do Estado aos diferentes setores político-sociais inibia qualquer possibilidade de crítica quanto a esse modelo de distribuição clientelista da renda petrolífera.

Nessa perspectiva:

Nas primeiras duas décadas a partir de 1958, as condições gerais de vida da população melhoraram, a mortalidade infantil era declinante, as taxas de emprego seguiam em alta, enfim, havia a expectativa real de que o país caminhava rumo ao desenvolvimento econômico e que a ascensão social era uma possibilidade concreta. (LANDER apud MARINGONI, 2004, p.105)

No entanto, na década de 1980, a Venezuela vivenciou a queda dos preços do petróleo no mercado internacional, o declínio da entrada de divisas no país, a fuga de investimentos e a disparada da dívida pública, “convertendo-se no quarto país mais endividado do continente e acentuando-se o processo de desorientação e estagnação de sua economia.” (MAYA, 2009, p.234). Diante disso, os sucessivos governos puntofijistas decidiram adotar as recomendações

⁴ Com o tempo, a aliança se tornou bipartidária (AD e Copei). A URD e os partidos pequenos eram incorporados em cargos de segundo escalão e alguns representantes da esquerda eram inseridos na Central de Trabalhadores como forma de garantir a estabilidade institucional e reduzir críticas.

dos países ocidentais, em especial dos EUA que era seu principal parceiro político-econômico, promovendo uma reestruturação interna de natureza neoliberal, a qual incluía medidas como restrição do gasto fiscal e dos níveis salariais e redução dos subsídios.

[A partir da crise], o país adota a ortodoxia econômica: juros altos, restrição monetária e creditícia, perda real nos salários e redução do gasto público. Até o fim da década, os resultados serão amargos. Entre 1980 e 1990, o PIB recuou 6,8%, com o desemprego chegando a 11%. O salário real se depreciou 39%, e a inflação saiu de 12% para 135%. (UCHOA, 2003, p.156)

A sucessão de reajustes neoliberais não mudou a realidade venezuelana permeada pelo aumento do desemprego e da pobreza, pela perda do poder de compra, pelo aprofundamento da exclusão social e pela redução de políticas sociais. Nesse sentido, surgiu uma “sociedade com fadiga de ajuste” (MAYA, 2009, p. 17), ou seja, uma sociedade que, em virtude dos reiterados fracassos dos reajustes, perdeu a confiança na capacidade do projeto neoliberal para alterar o cenário nacional, ao passo que percebeu o esgotamento do modelo de desenvolvimento pautado no clientelismo, questionando-o.

Nesse contexto, a Venezuela presenciou um período de turbulências sociopolíticas, no qual o protesto popular, caracterizado por ações como saques, greves e manifestação nas ruas, tornar-se-ia constantes. A democracia de 1958, instaurada com um discurso de estabilidade democrática e justiça social promovido por um Estado paternalista, perdia sua legitimidade. Estava criado o ambiente em que um Golpe Militar contra o governo poderia ser tentado.

1.2 Nasce o fenômeno Hugo Chávez

A política venezuelana tornou conhecida a figura de Hugo Chávez após tê-lo identificado como líder do Golpe de Estado de 1992. Desde o fim da década de 1970, contudo, este tenente-coronel já vinha discutindo acerca da necessidade de mudanças no sistema democrático adotado na Venezuela desde 1958.

Hugo Chávez entrou na Academia Militar em 1970, aos dezessete anos. Ele pertence à primeira geração do Plano Andrés Bello, programa que buscou incentivar o aprimoramento da carreira militar através da transformação do ensino em curso superior. Desde então, os oficiais começaram a estudar ciências políticas, a conhecer os pensadores da democracia e a analisar a realidade nacional (HARNECKER, 2004).

Três anos após o começo dessas discussões, Hugo Chávez foi enviado ao Peru e, em seguida, ao Panamá. Na ocasião, conheceu o governante peruano Juan Velasco Alvarado e o

presidente panamenho Omar Torrijos, ambos militares nacionalistas, os quais falavam abertamente sobre revolução social e intervenção militar.

Para que os militares? [...] Para servir a que tipo de governo: para estabelecer uma ditadura como Pinochet ou para governar como Velasco ou Torrijos ao lado do povo, enfrentando incluso correntes hegemônicas mundiais? Então, comecei a perceber ao militar não como um massacrador do povo nem para dar golpes de Estado, senão como um servidor social e a Força Armada como um ente social. (HARNECKER, 2002, p.15)

Essa e outras experiências vivenciadas como oficial militar, assim como os estudos propiciadas pelo Plano Andrés Bello, tornaram Hugo Chávez um defensor da aliança cívico-militar e crítico do regime puntofijista, considerado corrupto e causador da pobreza e da dependência internacional. Nesse sentido, em 1977, tentou articular um grupo político no interior das Forças Armadas, o Exército de Libertação do Povo Venezuelano, o qual não prosperou (ALMENDRA, 2005). Mais tarde, em 1982, ele, Jesús Urdaneta e Felipe Acosta fundaram o Exército Bolivariano Revolucionário 200 (EBR-200), sob o seguinte compromisso:

Juro pelo Deus de meus pais, juro pela minha pátria, juro pela minha honra que não darei tranquilidade a minha alma nem descanso a meu braço até que não estejam rompidas as correntes que oprimem meu povo por vontade dos poderosos. Eleição popular, terra e homens livres, horror à oligarquia! (UCHOA, 2003, p. 136).

O EBR-200, inicialmente destinado ao debate interno nas Forças Armadas, foi incluindo progressivamente civis, o que provocou a mudança de nome para Movimento Bolivariano Revolucionário 200. Desde então, buscou-se discutir acerca do momento e da forma que um levante deveria se apresentar contra o regime puntofijista, de forma a implementar um novo modelo político e econômico na Venezuela.

O ano de 1992 foi a resposta encontrada. De um lado, a descrença da população frente ao Punto Fijo, devido às falsas promessas de desenvolvimento socioeconômico, provocou um fortalecimento da mobilização social, tendo sido registrados 925 protestos de rua entre setembro de 1991 e fevereiro seguinte pelo Ministério da Defesa (MARINGONI, 2004). Por outro lado, parte dos militares repudiava a reação violenta ordenada pelo regime frente às manifestações da sociedade.

Assim, em 3 de fevereiro de 1992, o Grupo Comacate, como ficou conhecido o grupo de oficiais da insurreição militar (coronéis, majores, capitães e tenentes), colocaram em prática o plano Ezequiel Zamora, que ocorreria desde o noroeste do país, em Maracaibo, até o centro-

norte, em Caracas. O principal objetivo do levante era deter o Presidente da República Carlos Andrés e convocar uma Assembleia Constituinte.

O plano, contudo, não prosperou. O Ministro da Defesa foi avisado sobre a sublevação militar, o que possibilitou uma pronta reação governista, sufocando o movimento nos principais pontos estratégicos e impossibilitando a convocação da sociedade civil nos meios de comunicação pelos golpistas. Diante disso, Chávez decidiu apresentar a rendição, através de um pronunciamento na televisão, na manhã do dia 4:

Antes de mais nada, quero dar bom-dia a todo o povo da Venezuela, mas esta mensagem bolivariana é dirigida aos valentes soldados que se encontram no regimento de paraquedistas de Aragua e na brigada de Blindados de Valencia. Companheiros, lamentavelmente, por enquanto, os objetivos que nos colocamos não foram atingidos na capital. [...] Vocês o fizeram muito bem aí, mas agora é tempo de refletir. Novas situações aparecerão, e o país deve orientar-se definitivamente rumo a um destino melhor. [...] Agradeço-lhes a lealdade, a valentia, o desprendimento. Eu, ante o país e ante vocês, assumo a responsabilidade deste movimento militar bolivariano. Muito obrigado. (CHÁVEZ, 2011)

Apesar de fracassado, o Golpe de Estado resultou positivo. O discurso de um minuto, conhecido como “por enquanto”, capturou a imaginação coletiva de insatisfação com o regime vigente e de anseio por mudanças. Segundo Uchoa (2003), desde então, quem almejasse derrubar o governo e lutar pela justiça social invocava essas duas palavras. Com isso, o MRB-200 se tornou uma organização de alcance nacional e Hugo Chávez, um ídolo. Surgiu, assim, o “Fenômeno Chávez” (SEABRA, 2010, p.215).

Dessa forma, ainda que os insurgentes tenham sido presos, o MBR-200 não perdeu sua força reivindicativa. Dentro das prisões, as discussões continuaram, as estratégias se delinearam e os contatos com os setores sociais se intensificaram.

Ao saírem dos cárceres, em 1994, por indulto concedido pelo presidente Caldera⁵, os militares bolivarianos decidiram pela tática da abstenção pacífica: “não aos partidos, não às eleições e sim à proposta alternativa de constituinte popular” (HARNECKER, 2002, p.17). Nessa perspectiva, visitaram diversas regiões, promovendo a ideia da Constituinte e da soberania popular, e criticando o partidarismo político.

Com a crescente união cívico-militar, em 1997, a estratégia mudou: era o momento de participar das eleições. Cria-se, assim, o Movimento V República (MVR):

⁵ Rafael Caldera foi eleito em 1993. Concorrendo pela Convergência Nacional, foi o primeiro candidato presidencial a chegar ao poder sem pertencer aos partidos AD ou Copei desde 1958. Sua promessa de não se ater às medidas dos organismos internacionais neoliberais e não pactuar com os mencionados partidos, contudo, não foi concretizada, frustrando a sociedade civil que havia o eleito pretendendo mudanças.

O MVR nasceu em 1997 como uma estrutura eleitoral do MBR-200[...]. Naquele momento, a criação do MVR foi pensada como um passo tático dentro da estratégia geral do MBR-200 de valer-se do poder para uma nova fundação da República. Foi concebido para acolher todos os movimentos, agrupamentos políticos e personalidades que se iriam juntando à candidatura de Hugo Chávez. (MAYA, 2009, p. 169)

No ano eleitoral de 1998, os partidos Pátria Para Todos (PPT), Movimento Al Socialismo (MAS) e Partido Comunista da Venezuela (PCV) se juntaram ao MVR e formaram a Junta Patriótica. Seu discurso antineoliberal, de reestruturação do sistema político, de resgate do papel protagônico do povo e de justiça social resultou em sua vitória: a aliança obteve 56,2% dos votos válidos na eleição presidencial e 53% das cadeiras do Congresso. Dava-se início à Revolução Bolivariana.

1.3 A Revolução Bolivariana

“A soberania do povo é a única autoridade legítima das nações”
Simón Bolívar

Hugo Chávez, desde o período do EBR-200, estava convencido que apenas uma revolução poderia tirar a Venezuela da crise política, econômica e social. Nesse sentido, sua candidatura introduzia na política venezuelana um discurso de mudanças estruturais, pautado na aliança cívico-militar, em símbolos pátrios e no papel protagônico do povo. A essa conjuntura, o então presidente denomina Revolução Bolivariana.

Segundo Harnecker (2004), a Revolução Bolivariana se apresenta como um processo *sui generis*, surgido com a eleição triunfante de um militar populista e orientado pelo ideal bolivariano de soberania popular, anti-imperialismo e antioligarquia. Por sua vez, Vieira (2005) a caracteriza como um processo peculiar de transformação interna da Venezuela rumo a uma mudança estrutural do nível político, condição necessária para a mudança dos níveis econômico e social, e que busca uma alternativa regional ao projeto de globalização ligado ao neoliberalismo.

Assim, parte importante do discurso bolivariano está na construção do povo como sujeito protagônico da política venezuelana, capaz de transformar ou conformar a realidade. Na tomada de posse em 1999, Chávez frisou: “o único soberano aqui [...], na terra venezuelana, é esse povo, não há outro; esse é um princípio universal e elementar”

(CHAVEZ, 2011). É nesse contexto que as forças chavistas têm buscado o fortalecimento da organização dos setores populares, como os círculos bolivarianos e os conselhos comunais⁶.

Os militares também se tornam peças-chave da revolução. Desde o primeiro ano de governo, eles têm desempenhado um papel essencial na defesa do regime chavista, bem como na consecução de projetos sociais destinados à população. O Plano Bolívar 2000, por exemplo, representou um ponto decisivo na aliança cívico-militar, na medida em que alocou vinte mil soldados em ações que visavam suprir as deficiências nas áreas sociais sob responsabilidade do Estado, como saúde e educação (MARINGONI, 2004).

O uso de símbolos da nacionalidade é proeminente no discurso bolivariano. A própria ideologia do MBR é pautada pela “árvore das três raízes”: “nossa ideologia se alimenta de muitas correntes, uma delas a corrente zamorana; a outra, a bolivariana; e a outra robinsoniana. São as três raízes que inspiram e alimentam o projeto bolivariano”. (CHÁVEZ, 2003, p.85).

Zamora foi um general liberal que lutou na Guerra Federal e defendia a reforma agrária, o combate à oligarquia, a liberdade dos homens e as eleições populares. Segundo Chávez (2003), esse personagem deixou plantada as sementes da esperança, da igualdade e da dignidade na terra bolivariana.

Bolívar, por sua vez, é reconhecido por ser o maior estrategista contra o domínio espanhol no continente latino-americano. Dele, o presidente venezuelano apreendeu que a região latina deve se integrar para reverter sua existência política dependente, a democracia deve ser o sistema político que proporcione a máxima felicidade ao povo e o militar nunca deve dirigir suas armas contra aquele. (HARNECKER, 2004).

Simón Rodríguez, cujo pseudônimo era Robinson, foi um educador e poeta humanista, e mestre de Bolívar. Pregava pelo caráter igualitário da educação, sem qualquer discriminação entre brancos, negros e índios. Para ele, a América Latina deveria se apoiar nos poderes de criação do povo, de forma a desenhar sua própria identidade e não imitar as grandes potências (UCHOA, 2003).

Dessa maneira, na Venezuela, o emprego de um discurso que resgata a história pátria torna-se articulado aos próprios atos da política, legitimando-os na medida em que invocam um passado nacional glorioso. Toda ação política está permeada por um significado

⁶ Os Conselhos Comunais representam o maior esforço do governo em incentivar a participação social e diz respeito a instâncias organizadas e articuladas no seio das comunidades que exercem diretamente a gestão de políticas públicas destinadas a sanar as necessidades locais. Os círculos bolivarianos, por seu turno, são organizações sociais promovidas pelo MBR que buscam difundir o pensamento bolivariano nos diversos âmbitos da sociedade (associações de bairros, grupos de mãe, paróquias etc).

simbólico. A denominação MVR, por exemplo, corresponde à interpretação que há uma refundação da República, pela qual o regime republicano estabelecido desde 1830 e caracterizado pela oligarquia e desigualdade, fora suplantado.

Por fim, ressalta-se que o ideal bolivariano pretende enfrentar a estrutura de poder ligada à elite, às oligarquias, consideradas corruptas e causadoras da exclusão social. Como Chávez enfatizou na sua posse em 1999, sua eleição representa o abrir de uma porta em direção a uma nova existência nacional, desconexa com as medidas tomadas pelo puntofijismo, que provocaram profundos problemas sociais (CHAVEZ, 2011).

Em suma, a Revolução Bolivariana é a principal expressão do discurso chavista e diz respeito à ideia de que está incidindo no país uma revolução social, econômica, política e ética, em que se luta por uma democracia verdadeira, participativa e protagonista e na qual se tenta recuperar a identidade, a dignidade e a soberania do povo, ao passo em que se rompe com os conceitos e práticas antes consolidados pelo regime puntofijista. Trata-se, portanto, de uma nova etapa na democracia venezuelana.

1.3.1 Mudança política

O primeiro ato realizado pelo governo Chávez se traduziu na concretização de uma promessa que vinha se manifestando desde o Golpe de Estado de 1992: a convocação de uma Assembleia Constituinte. A refundação do aparato estatal por meio de uma mudança institucional era *conditio sine qua non* para a consecução das demais transformações na realidade venezuelana. Nas palavras do presidente:

O desafio foi como convocar a Assembleia Constituinte pela via legal. A primeira coisa que tinha que fazer era ganhar a Presidência da República para, desse órgão de poder, convocar o referendo onde o povo pudesse se pronunciar. Baseamo-nos no art. 4º da velha Constituição [...]. Tiramos o ponto jurídico e interpretativo desse artigo que permite ao presidente convocar ao referendo para que a soberania que reside no povo se expresse por um órgão público. Ganhamos esse referendo com a bandeira da Constituinte [...]. A essa etapa chamamos etapa da convocação da Assembleia Constituinte. Depois veio a etapa das eleições para a Constituinte e nelas participaram não só candidatos dos partidos, como também jornalistas, indígenas, cantores [...]. Houve muitas nomeações para eleger 130 constituintes. Uma vez eleitos os membros da Assembleia, passamos a etapa assembleísta: a Assembleia deliberando e elaborando o novo projeto de Constituição. [...] Depois passamos a fase aprovação da Constituição. Mais de 70% dos eleitores disseram sim a nova Constituição. Finalmente vem a fase maior e mais complexa: a fase executiva. Nesta nova fase, o primeiro passo era eleger as novas autoridades para transformar [...] o mapa político do país. Relegitimamos todos os poderes: presidentes, governadores, prefeitos e deputados. (HARNECKER, 2002, p.22)

A Constituição aprovada pelo citado processo, em vigor desde 1º de janeiro de 2000, trouxe inovações que repercutiram no plano político. Destaca-se a mudança do nome do país de República da Venezuela para República Bolivariana da Venezuela, o prolongamento do mandato presidencial para seis anos, a criação de dois novos poderes públicos (Cidadão e Eleitoral), a criação das Leis Habilitantes, que aufere força de lei aos decretos presidenciais, e a criação do Congresso unicameral (dissolução do Senado).

A novidade mais salutar da Constituição Bolivariana foi, contudo, o alargamento da participação popular no processo político, mediante a formação, a execução e o controle da gestão pública. O texto legal apresenta quatro tipos diferentes de referendo: o consultivo, que submete à consulta os problemas de alcance nacional, como a nacionalização de empresas; o revocatório, que decide se um funcionário deve continuar ou não em seu cargo, passado a metade de seu mandato; o aprobatório; que trata da aprovação de acordos internacionais; e o abolutório, que diz respeito à possibilidade de abolir leis ou decretos com força de lei (HARNECKER, 2004).

A reestruturação política também atingiu a base chavista. Em 2001, o MBR-200 foi refundado, visando fomentar uma organização popular de apoio ao bolivarianismo, formada por forças sociais que defendem o processo, mas que não são militantes em partidos. O Partido Socialista Unido de Venezuela (PSUV), por seu turno, foi fundado em 2006, com o intuito de não só organizar uma força eleitoral, como era o MVR, mas também preparar uma sustentação ideológica unificada que estabelecesse uma ligação complexa entre os diferentes atores políticos da base governamental (SEABRA, 2010).

A mudança estrutural política, portanto, tomou impulso com a promulgação da Constituição da República Bolivariana da Venezuela. Mais do que mera expressão jurídica, seu texto preceitua uma nova forma de existência política.

1.3.2 Mudança econômica

O governo Chávez, após ter se focado na mudança de ordem política em seu primeiro ano, buscou intensificar a transformação no plano econômico. Desde então, tem buscado se desvencilhar do modelo anterior, neoliberal e rentista.

A crítica ao neoliberalismo, assim, constitui pauta essencial no regime chavista. Aqui, esse modelo econômico é associado ao neocolonialismo e visto como causador da pobreza e da situação de exclusão social, além de auxiliar na desestruturação da coesão social (CIVIDANES, 2007). Nesse sentido, Hugo Chávez já vociferou por diversas vezes que o

processo revolucionário bolivariano se apresenta como uma proposta alternativa ao regime neoliberal e sua “receita do Diabo” (CHAVEZ, 2011).

O termo “socialismo” tem sido publicamente mencionado desde 2006 para respaldar essa orientação econômica. No Plano de Desenvolvimento Econômico e Social formulado para os anos 2007-2013 fala-se em um Projeto Ético Socialista Bolivariano, que surge a partir da constatação de uma realidade caracterizada pela:

confrontação entre um sistema velho (o capitalismo) que não terminou de falecer, baseado no individualismo egoísta, na ganancia pessoal e no objetivo de lucro desmedido, e um novo sistema (o Socialismo) que está nascendo e [possui] valores éticos como a solidariedade humana, a realização coletiva da individualidade e a satisfação racional das necessidades fundamentais dos homens e das mulheres. (VENEZUELA, 2011d, p.7)

O regime chavista tem buscado, então, desenvolver um projeto de Estado soberano e presente, que pretende corrigir a nocividade do mercado ao distribuir a riqueza e garantir o acesso de todos aos direitos fundamentais, como educação e saúde. Com isso, a economia passa a se vincular com noções relativas à dignidade, à justiça e à solidariedade (CIVIDANES, 2007).

Nessa perspectiva, o petróleo continua sendo o principal produto venezuelano, porém deixa de se apresentar como instrumento garantidor de privilégios. O binômio concentração-monopolização, característico da relação EUA-Venezuela durante o puntofijismo (PAIVA, 2005), é paulatinamente substituído pela diversificação de parceiros⁷ e pelo fortalecimento de outros setores da economia⁸, como a agricultura e o setor terciário. Igualmente, há uma gradativa mudança de um modelo rentista para um produtivo, cujos recursos se voltam ao bem-estar dos venezuelanos e ao desenvolvimento do país (políticas assistencialistas, subsídios, reforma agrária, etc).

A Petróleos de Venezuela (PDVSA), principal empresa do país, deixa a política de abertura petroleira, cuja estratégia de mercado era estipulada pelas companhias transnacionais, por uma baseada no fortalecimento de sua nacionalização. Nesse contexto se estabeleceu, por exemplo, o Decreto 1.892, que obriga a estatal a privilegiar a contratação de

⁷ Entre janeiro de 2010 e agosto de 2011, o valor das exportações realizada por Venezuela aumentou 36% em relação à China, 249% em relação ao Brasil, 106% em relação a Colômbia, porém diminuiu 50% em relação aos EUA. Registra-se que o cálculo exclui o petróleo (VALOR, 2011).

⁸ Segundo Merentes (2007), baseado em dados do Banco Central da Venezuela, entre 1998 e 2007, o setor não petrolífero apresentou um crescimento do PIB superior em 10% em relação ao setor não petrolífero.

bens e serviços de empreendimentos nacionais em suas licitações, como forma de estimular a indústria interna venezuelana. (UCHOA, 2003).

A Constituição Bolivariana traz em seu escopo diversos dispositivos acerca da política econômica. Dentre eles, está a proteção e a promoção pelo Estado da pequena e média empresa, das cooperativas e da empresa familiar (art. 308); a afirmação que o regime latifundiário é contrário ao interesse social (art. 307); e a previsão do desenvolvimento harmônico da economia entre Estado e iniciativa privada com o fim de gerar fontes de trabalho e alto valor agregado nacional, elevar o nível de vida da população e fortalecer a soberania econômica do país (art. 229).

A mudança estrutural econômica na Venezuela se traduz, dessa forma, na implementação do socialismo como regime, tendo em vista um modelo com um conteúdo mais democrático, capaz de desenvolver as atividades econômicas em diversos setores e melhorar a distribuição de renda.

1.3.3 Mudança social

O projeto bolivariano busca desenvolver uma cidadania ativa, ao passo que fomenta um modelo econômico que se esforça a corrigir a injusta distribuição de renda. Nesse diapasão, o bolivarianismo compreende a democracia não apenas como mero gozo das liberdades civis e políticas, mas também como sinônimo de igualdade social.

Na democracia protagônica revolucionária, o Estado garante os conteúdos materiais que exige a realização do bem comum: a justiça está acima do direito; e as condições materiais para garantir o bem-estar de todos, tais como educação, saúde e trabalho, que estão acima da simples formalidade da igualdade ante a lei e o despotismo mercantil. (VENEZUELA, 2011d, p.18)

Na Venezuela chavista, portanto, a compreensão da desigualdade social se norteia pela acepção elaborada pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, em que ela é vinculada com a exclusão social. Os objetivos das políticas nacionais se voltam, então, para a construção da inclusão das camadas desfavorecidas, de forma a restabelecer as pessoas como sujeitos sociais promotores e corresponsáveis por sua condição de vida (MAYA, 2009).

Nesse sentido, o governo tem investido amplamente em políticas sociais e assistencialistas. Na maior parte dos discursos proferidos por Chávez e sua base aliada, enfatiza-se a melhoria dos índices, apresentando números sobre o progresso. Em 2002, o presidente afirmou: “Nós baixamos a desnutrição infantil em 10%, baixamos a mortalidade

infantil [...]. Destinamos um orçamento muito maior à educação, passando de 3% a mais de 6%, o acesso à água potável aumentou bastante” (HARNECKER, 2002, p. 57). Já no informe de gestão de 2011, destacou que em 2010 a pobreza chegou a 26,8% e a pobreza extrema em 7,1%, enquanto que em 1998 as taxas eram 49% e 21%, respectivamente. Na ocasião, também frisou que aproximadamente 10% do PIB estavam sendo gastos em projetos sociais. (CHAVEZ, 2011).

De fato, fontes oficiais confirmam o avanço nos indicadores sociais venezuelanos. Em 2010, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura reconheceu a Venezuela como território livre de analfabetismo e como o segundo país latino-americano com a maior inscrição do ensino superior (83%), atrás apenas de Cuba. O Sistema Integrado de Indicadores Sociais da Venezuela, por sua vez, auferiu que a taxa de investimento público real em saúde aumentou 11,9% entre 2009 e 2010, o número de habitações populares entregues no primeiro semestre de 2011 alcançou 45.000, o déficit nutricional nas crianças baixou 4% em dez anos e o índice de desigualdade social atingiu 0,3898 (zero significa distribuição igualitária de renda), o mais baixo da América Latina.

O governo Chávez tem promovido ações que possibilitam aos setores antes excluídos um acesso a políticas e recursos que lhes oferecem oportunidades de superar os problemas de desigualdade socioeconômica, herdados da conjuntura puntofijista. É nesse sentido que devemos perceber a mudança estrutural social na Venezuela.

1.3.4 Mudança de postura no cenário internacional

A política externa chavista tem se baseado em dois eixos: minar a influência que os Estados Unidos exercem no cenário internacional e trabalhar para a consecução de uma ordem internacional multipolar. Há a busca, assim, da construção de um modelo equitativo de Relações Internacionais.

Dessa forma, uma das medidas tomada pelo governo Chávez tem sido a recuperação do ideal bolivariano de união dos países latino-americanos como forma de confrontar a ditadura imperial, ou seja, o grupo de países que se acham superiores aos do Sul (CHAVEZ, 2011). A Aliança Bolivariana para as Américas (ALBA) e a União das Nações Sul-americanas (UNASUL) são vertentes dessa ideia, constituindo-se com o objetivo de serem espaços integrados e participativos de diálogo político na região, voltados para colaboração dos Estados partícipes nas diversas áreas, à procura do fortalecimento da independência regional e

da democracia social. O intenso intercâmbio com Cuba, as frequentes viagens aos países vizinhos e a entrada da Venezuela no Mercosul também são exemplificativos dessa postura.

A ofensiva no campo internacional também abarca a política petroleira. Segundo Monteiro (2010), a Venezuela tem consciência de sua importância para a cena energética mundial e para a estabilidade regional, e, dessa forma, utiliza o petróleo como principal instrumento de ação no cenário internacional. Nesse sentido, tem se reaproximado das diretrizes da Organização dos Países Exportadores de Petróleo, baseadas no controle de preços do produto no mercado internacional, assim como tem investido na cooperação energética latino-americana, através do Petrosur, Petroandina e Petrocaribe, com o fito de aumentar a influência latino-americana na arena comercial.

Por fim, registra-se que a estratégia internacional venezuelana de construção de uma ordem multipolar passa necessariamente pela atuação conjunta com os demais países que se apresentam contrários ao unilateralismo estadunidense. Sendo assim, o governo Chávez tem liderado iniciativas como o Grupo dos 15, de cooperação Sul-Sul, e o Grupo dos 77, constituído por países em desenvolvimento, tem promovido a ideia de alargamento do Conselho de Segurança, com o aumento do número de membros permanentes, e tem intensificado suas relações bilaterais com China e Rússia.

A política externa chavista, assim, propõe uma ruptura que “se reflete no uso soberano dos recursos do petróleo, no projeto de integração bolivariana e num discurso de forte conteúdo de confrontação com os Estados Unidos” (MONTEIRO, 2010, p. 7), que imprimem um maior protagonismo da Venezuela no cenário internacional.

CAPÍTULO II: MÍDIA PRIVADA VENEZUELANA VS. HUGO CHÁVEZ: A INFORMAÇÃO EM CONFLITO

O mundo é socialmente construído e, sendo assim, podemos analisá-lo a partir das práticas textuais e discursivas que o permeiam. A comunicação, nesse sentido, deve ser entendida como “um processo simbólico pela qual a realidade é produzida, mantida, reparada e transformada” (CAREY apud LIMA, 1996, p. 247).

Os meios de comunicação, dessa maneira, não se constituem em ferramentas que transmitem a realidade que lhes é externa de forma imparcial. Ao contrário, são agentes políticos que, através dos discursos que propagam e desenvolvem, promovem o predomínio de uma narrativa sobre outra e, conseqüentemente, de um grupo de valores sobre os demais, interferindo diretamente no jogo político.

Na Venezuela, os meios de comunicação privados, enquanto setor empresarial com alto grau de coesão, vêm se apresentando como importante ator político do bloco oposicionista ao governo, a Coordenação Democrática. Junto ao setor empresarial organizado na Federação de Câmaras do Comércio e Produção (Fedecâmaras), aos tecnocratas e trabalhadores da PDVSA, aos sindicalistas da CTV e aos segmentos de média e alta renda, têm planejado e incentivado ações que visam deslegitimar o processo bolivariano e seu principal líder, o presidente Hugo Chávez.

O presente capítulo busca, portanto, expor como a mídia privada venezuelana vem se constituindo como um forte adversário político da base governamental e, nesse contexto, demonstrar como a estratégia discursiva chavista tem buscado consolidar e avançar o discurso bolivariano nos espaços de comunicação.

2.1 Mídia privada na Venezuela: um partido de oposição ao governo chavista

A Constituição Bolivariana, em seu artigo 57⁹, garante a liberdade de imprensa e proíbe a censura, conquanto que não se vincule mensagens de guerra, discriminatórias ou que promovam a intolerância religiosa. Os meios de comunicação privados na Venezuela, contudo, parecem ignorar esse dispositivo legal.

⁹ Artigo 57: “Toda pessoa tem direito a expressar livremente seus pensamentos, suas ideias ou opinião de viva voz, por escrito ou mediante qualquer outra forma de expressão e de fazer uso para tanto de qualquer meio de comunicação ou difusão, sem que possa se estabelecer censura. Quem faz uso desse direito assume plena responsabilidade pelo expressado. Não se permite o anonimato, a propaganda de guerras, as mensagens discriminatórias ou que promovam a intolerância religiosa” (VENEZUELA, 2011a).

A mídia privada venezuelana encontra-se centrada e concentrada em uma rede restrita de grupos empresariais, sendo praticamente dominada por quatro emissoras de televisão (Venevisión, Televen, Globovisión e Radio Caracas Televisión - RCTV) e três jornais privados (Últimas Noticias, El Universal e El Nacional). Compartilhando uma visão de mundo calcada nos interesses capitalistas neoliberais¹⁰, estes meios ganharam prestígio político e poder social durante o regime puntofijista, na medida em que assumiam “a tarefa de conseguir que o público em geral aceitasse o *status quo*” (FEIJOÓ, 2005, p.44) e atraíam investimentos de empresas transnacionais interessadas nesse processo. A ascensão do discurso de esquerda de Hugo Chávez no cenário nacional representou, assim, um desafio à sua posição estratégica.

Dessa forma, desde o Golpe de Estado de 1992, a mídia comercial tem procurado deslegitimar a imagem de Hugo Chávez, ao passo que busca reforçar a conveniência de um sistema voltado ao capitalismo neoliberal. Assim, através do controle midiático, constitui-se em um “instrumento chave de poder” (FEIJOÓ, 2005, p. 44).

Diante disso, assim analisa o jornalista Fidel Canelón acerca da realidade midiática de seu país:

Apenas acreditávamos que havíamos libertado do regime partidocrático que nos dominou por várias décadas, quando outra perversão política está mostrando suas garras em nosso país: o manejo abusivo da atividade política por parte dos meios de comunicação. [...] os meios de comunicação estão se convertendo em um exemplo proverbial do que poderíamos chamar de massmediocracia, isto é, etimologicamente falando, o governo dos meios de massa. Na Venezuela, os quatro principais canais de TV [...] acumularam um poder desmedido como em muito poucos países do mundo. Deslocaram os partidos políticos e mesmo a sociedade civil ao cumprir virtualmente as funções características destes: agitação e mobilização política, socialização e doutrinação, agregação e representação de interesses e, inclusive, recrutamento e preparação dos futuros governantes (não são por acaso Julio Borges e Alfredo Peña candidatos presidenciais de laboratório, formados nas ‘fileiras’ da Rádio Caracas e Venevisión?). (CANELÓN, 2011).

Portanto, os meios de comunicação privados assumem, na Venezuela, o papel de um verdadeiro partido político de oposição. Por um lado, adotam um discurso unificado, em que o tom editorial das emissoras de rádio e televisão, assim como dos jornais impressos, apresenta um mesmo enfoque, voltado à deslegitimação das ações de Chávez e sua base aliada, enfatizando os problemas socioeconômicos que a Revolução Bolivariana não conseguiu resolver. Por outro lado, ostentam uma postura de equivalentes da opinião pública,

¹⁰ Segundo Mendes (2008), desde o advento da globalização e do neoliberalismo, a indústria de comunicação passou a se estruturar segundo o princípio de concentração oligopólica. Como resultado, o mercado de mídia está cada vez mais concentrado em um número menor de empresas internacionalizadas, as quais compartilham o compromisso com uma ordem capitalista neoliberal. Em consequência, de acordo com a autora, há a tendência a um noticiário uniforme, que procura manter a ideologia dominante.

considerando-se como “legítimos representantes da sociedade no debate político” ¹¹ (ROVAI, 2007, p. 11).

Nesse sentido, diariamente o povo venezuelano está sujeito às constantes adjetivações negativas acerca da figura do presidente, as quais buscam demonstrar que a Revolução Bolivariana é um mero discurso retórico e que não tem propiciado as mudanças estruturais que o povo necessita. Em 28 de setembro de 2011, por exemplo, a RCTV publicou: “Mediante leis, decretos e vias de fato, constitui-se um tecido perverso em que sucumbem a propriedade, os direitos humanos, a segurança jurídica e a liberdade. Uma rede de opressão destinada a absolver o crescente descontentamento popular” (LEÓN, 2011). Na campanha eleitoral de 1997, por sua vez, Chávez já era caracterizado como “autoritário, fascista, antidemocrático, promotor de violência, e um candidato que para ganhar não titubearia em varrer as instituições e impor um clima de terror próximo de uma guerra civil” (MAYA, 2009, p.196).

O exemplo mais recente de ataque da mídia privada venezuelana em relação ao presidente Chávez tem sido explorar a doença que o acometeu, câncer na região pélvica. Tenta-se expor a imagem de um presidente debilitado, impossibilitado de governar e sem base aliada capaz de continuar o falso discurso de Revolução Bolivariana. Segundo o noticiário da Globovisión:

A chegada do Presidente da República [do tratamento médico realizado em Cuba] deixa algumas reflexões. [...] podemos observar sumamente deteriorado, ofegante e cansado ao presidente, coisa natural em um doente de câncer. Ainda que não tenhamos informação exata do grau de sua doença, [...] suas condições físicas já o faz impossível continuar afrente de um governo que nada resolve, que tudo piora. Um país com problemas tão graves como o crime que acaba com a vida de mais de 50 venezuelanos semanalmente, a infraestrutura de hospitais, escolas, avenidas e rodovias em plena deterioração, a escassez de medicamentos e alimentos [...]. O país inteiro precisa de um presidente em plenitude de funções [...] em condições ótimas para empreender as ações necessárias que resolvam ou mitiguem os problemas em que estamos imbuídos. (OSUNA, 2011).

Esse discurso negativista construído pelos veículos de comunicação privados na Venezuela tem repercussão internacional, na medida em que são difundidos por emissoras e jornais comerciais de outros países que também defendem o *status quo* do cenário internacional, predominantemente neoliberal. A publicação do jornal americano *The Economist* em 5 de fevereiro de 2009 exemplifica esse posicionamento, assim retratando a Venezuela de Chávez:

¹¹ A essa postura dos meios de comunicação de equivalentes da opinião pública o autor Renato Rovai tem denominado “Midiático Poder” (ROVAI, 2007, p.11).

O crime, o custo de vida e o problema da moradia pioraram substancialmente desde que o Sr. Chávez ascendeu ao poder. [...] a inflação em 2008 alcançou 31%, a maior da América Latina. O preço da comida em Caracas majorou em 50%. [...] Violência e intimidação aos opositores pelas forças de segurança e pelos grupos civis (abertamente vinculados ao governo) aumentou. (OBLIVIOUS, 2011).

Em suma, a mídia privada venezuelana tem se apresentado no cenário nacional como um forte e coeso partido de oposição frente à aliança chavista. Desde o golpe de 1992, o discurso diário das redes de TV e rádio e dos jornais impressos vem buscando construir uma imagem negativa de Hugo Chávez e da revolução que ele defende, sendo o bolivarianismo diariamente retratado como antidemocrático, opressor e demagogo.

2.1.1 O Golpe de 2002 e o Segundo Paro: a mídia privada como ferramenta de convocação e distorção

A relação entre a base chavista e a oposição ganhou novos contornos em 2002, quando foi tentado um Golpe de Estado em abril e realizado a segunda paralização cívica nacional em dezembro, ambos com o objetivo explícito de destituir Chávez do poder. Nesses eventos, a partidarização dos meios de comunicação tornou-se evidente, tendo o discurso midiático exercido papel fundamental em seu desenvolvimento.

O Golpe de Estado teve seu contorno delineado a partir de 7 de abril, quando Hugo Chávez anunciou em rede nacional a demissão de sete funcionários da diretoria do PDVSA, apresentando como motivo o fato destes apoiarem a greve geral da CTV por reclamação salarial. Esse ato, considerado arbitrário, tornou possível a convocação pelo presidente da empresa patronal, Pedro Carmona, e pelo presidente da central, Carlos Ortega, de uma greve nacional por tempo indeterminado a partir do dia 9 e de uma manifestação antichavista dois dias depois, com o fito de demandar mudanças nas políticas nacionais, principalmente em relação às estatizações, e exigir uma menor concentração de poder no Executivo. Começava, então, a campanha midiática de mobilização popular e distorção dos fatos.

Nos dias anteriores ao golpe, os meios de comunicações privados da Venezuela convocaram intensamente a população de orientação anti-chavista para marchar entre as áreas do Parque del Este de Caracas e a sede da empresa PDVSA. Na televisão, todas as emissoras veiculavam constantemente a vinheta “Nem um passo atrás”, enquanto que seus programas, desde *talk shows* até os humorísticos, adotavam um discurso único, vinculado à necessidade de se pressionar a administração chavista por mudanças ou mesmo de exigir a renúncia de Chávez (MARINGONI, 2004).

No dia da marcha, e já na atmosfera de golpe, a mídia coordenou os opositores a desviarem o caminho para o Palácio de Miraflores, onde estava ocorrendo uma movimentação pró-chavista. Foi nesse momento que a distorção realizada pelas emissoras de TV possibilitou a consecução do Golpe de Estado: segundo as imagens transmitidas por elas, a marcha pacífica da oposição havia sido recepcionada por grupos armados de círculos bolivarianos, que, situados na ponte Llaguno a mando do presidente, atiravam sobre a multidão, provocando um massacre civil. Chávez teria, portanto, “as mãos sujas de sangue e deveria renunciar” (ROVAI, 2007, p.37). Contudo, conforme demonstra o documentário “A Revolução Não Será Televisada”¹², os tiros vinham de franco-atiradores posicionados em um hotel que ficava de frente à ponte e atingiam, principalmente, os chavistas, os quais, como resposta, tentavam revidar.

Dentro de mais algumas horas, [o Exército] a Aeronáutica e a Marinha se pronunciariam oficialmente [na mídia] contra o governo, o que resultaria em todo o comando das Forças Armadas pedindo a renúncia de Chávez. A especulação sobre sua queda tornou-se ainda mais forte quando, às 10 h da noite, a TV estatal foi invadida e fechada. (UCHOA, 2003, p. 47)

Nessa conjuntura, a oposição enviou, via fax, uma carta de renúncia ao presidente e ameaçou bombardear o Palácio de Miraflores. Em resposta, Hugo Chávez decidiu que não assinaria documento algum e, sendo assim, é detido na madrugada do dia 11.

Pela manhã, as notícias divulgadas pela mídia comercial venezuelana e internacional informavam acerca da renúncia do presidente. Não havia menção ao golpe ou à prisão e exílio de Chávez. As reportagens se focavam na competência do novo presidente da República, Pedro Carmona, no contentamento da população, no apoio estadunidense e na boa receptividade do mercado internacional em razão do novo governo. O jornal *Tal Cual* publicou na ocasião:

Culminaram assim três anos francamente desastrosos, durante os quais um demagogo incompetente, sem visão alguma do país, enganou os mais pobres e humildes compatriotas, [...] manipulando [a justiça] para construir um poder pessoal e personalista, pintada com uma retórica supostamente bolivariana, que não fez outra coisa a não ser dividir o país por nada. Todo o seu discurso era ar, gás, puras besteiras repetitivas, que se foram gastando irremediavelmente, ao calor de uma gestão cheia de improvisações e corrupção. (PETKOFF, 2011)

¹² Vencedor de dezenove prêmios internacionais, esse documentário dirigido por Kim Bartley e Donnacha O’Brian registra o desenvolvimento do golpe de estado de 2002 que tentou destituir Chávez do poder. Nele, pode-se visualizar o papel da mídia no desencadeamento do golpe, a apreensão do presidente e seus aliados reunidos no interior do Palácio de Miraflores minutos antes da detenção daquele, a posse de Pedro Carmona e a resistência dos setores menos favorecidos frente à situação.

De forma semelhante, a revista brasileira *Veja* apresentou sua opinião:

Foram três anos e dois meses de interminável retórica revolucionária – ou, melhor, daquela sopa de lugares-comuns esquerdistas que o presidente Hugo Chávez chamava "revolução bolivariana". A tônica da discursão eram as promessas populistas e as infundáveis acusações à Igreja Católica, aos empresários, à imprensa e aos Estados Unidos, responsabilizados por todos os males da Venezuela. A cantilena se completava com juras de amor a Cuba e a seu ditador, Fidel Castro, de quem o presidente venezuelano copiou a mania de proferir discursos que se prolongavam por várias horas. Na quinta-feira passada, uma multidão de 200 000 venezuelanos, arregimentados por sindicatos de patrões e empregados, marchou para o palácio presidencial e foi recebida a bala por partidários do presidente. Morreram quinze manifestantes e 350 ficaram feridos. Na madrugada de sexta, com a nação mergulhada em comoção cívica, uma rebelião militar forçou Chávez a renunciar. (LORES, 2011)

Nos dias 12 e 13 de abril, enquanto manifestações pró-chavistas eram reprimidas, as emissoras de televisão exibiam desenhos animados, as rádios tocavam música e os jornais se silenciavam acerca da reação popular. No dia seguinte, quando Chávez reassume o poder devido ao grande apoio que mantinha nas Forças Armadas e à pressão exercida pela população nos quartéis e em frente à Miraflores, os meios de comunicação tiram seus sinais do ar e os jornais impressos não publicam, provocando um apagão informativo no país (ROVAI, 2007). Era o fim do “golpe de Estado midiático” (MARINGONI, 2004, p.32; ROVAI, 2007, p.17; UCHOA, 2005, p.73).

Meses depois, em dezembro, os mesmos atores que protagonizaram o golpe se uniram na realização de uma paralisação nacional, conhecida como Segundo Paro Cívico¹³. Dessa vez, o objetivo era forçar a renúncia de Hugo Chávez através da desestabilização da estrutura produtiva. Nesse sentido:

Com a mídia capitaneando o processo, realizou-se por dois meses uma ação de desabastecimento de bens essenciais ao consumo, principalmente para a população mais pobre, combinada com uma paralisação na produção de petróleo – que representa em torno de 50% da arrecadação fiscal do Estado venezuelano – e uma campanha de sonegação tributária. (ROVAI, 2007, p.12)

Sendo assim, durante 63 dias, os meios de comunicação privados retomaram a campanha midiática de mobilização popular e distorção dos fatos. Por um lado, convocavam a população para se envolverem nas marchas e paralisações programadas. Por outro, acusavam

¹³ A primeira paralisação ocorreu em novembro de 2001, quando Hugo Chávez, utilizando-se da previsão constitucional de Lei Habilitante, decretou quarenta e nove leis, todas voltadas para o desenvolvimento econômico vinculado ao social. Além de ter sido a primeira manifestação antichavista a reunir mais de cem mil venezuelanos, a paralisação tornou conhecido Pedro Carmona, a partir de então símbolo da oposição ao governo.

o governo chavista de ser o único responsável pelo cenário nacional de caos social, econômico e político.

O jornal *El Universal*, por exemplo, publicou na edição de 6 de janeiro de 2003: “É fácil prever a deposição de um governante. Em particular, quando é corrupto, inepto, homicida, [...] falastrão, ignorante [...]. Covarde, pau d’água, mitômato, charlatão” (ESTÁCIO apud MARINGONI, 2004, p. 179). O *Washington Post*, a seu turno, tinha afirmado dias antes que se desenvolvia na Venezuela uma situação que poderia resultar em uma guerra civil, causada pela tentativa desastrosa do presidente Hugo Chávez de reconstruir o país por meio de um mal sucedido socialismo (VENEZUELA’S, 2011).

As quatro principais emissoras de TV privadas na Venezuela, nesse período, ficaram praticamente sem nenhuma publicidade e suprimiram sua programação normal de telenovelas, desenhos animados e entretenimento. Segundo a Comissão Nacional de Telecomunicações, foram ao ar mais de dezessete mil inserções da Coordenação Democrática (MARINGONI, 2004).

Os eventos supracitados demonstraram que, na Venezuela, a programação diária se constitui uma variável facilmente manipulável, vinculada à orientação política antichavista dos meios de comunicação privados. As sucessivas vitórias eleitorais da base governamental não arrefecerem essa característica; ao contrário, reforçaram-na.

2.2 A consolidação do discurso bolivariano nos meios de comunicação

“A arte de vencer se aprende nas derrotas.”
Simón Bolívar

A experiência vivenciada pelo presidente venezuelano no Golpe de Estado e na paralisação nacional refletiu diretamente em sua estratégia discursiva. Percebendo a falta de receptividade e a distorção do discurso oficial na mídia venezuelana e internacional, o governo Hugo Chávez buscou, a partir deste momento, avançar e consolidar sua presença nos espaços de comunicação, tornando o jogo político um jogo midiático.

O primeiro ato realizado nesse sentido foi a criação da rede estatal de televisão VIVE, em 2003, com o intuito de impedir a repetição do que ocorreu durante o golpe, quando o único canal televisivo controlado pelo governo, a Venezuela de Televisión, foi invadido, impossibilitando a divulgação da versão governamental sobre os fatos. Segundo Tavares (2005):

este é um canal emblemático do processo bolivariano porque participa da construção da nova identidade cidadã, baseada na recuperação da dignidade dos excluídos do ‘antigo regime’. Na VIVE, [...] fala-se de reforma agrária, de programas de alfabetização, de acesso à saúde, e os que falam não são unicamente os ministros, especialistas, catedráticos. São as pessoas mesmas, da vida real, dos bairros. (TAVARES, 2005, p. 102)

Dessa forma, a VIVE TV, diferentemente da Venezuela de Televisión, não tem como objetivo direto responder aos ataques da mídia privada. Sua programação busca promover a imagem, as políticas e as instituições da República Bolivariana, dando ênfase ao fortalecimento da identidade nacional e ao debate de ideias.

Em 2004, o governo chavista avança em sua estratégia ao conseguir aprovar na Assembleia Nacional a Lei de Responsabilidade Social de Rádio e TV¹⁴. Esse dispositivo legal se apresenta como uma resposta direta aos grandes meios, que, para atingir seus objetivos nos planos econômico e político, têm utilizado a distorção como recurso. De acordo com Chávez (2003):

Será que os sabotadores e golpistas defendem, promovem a liberdade de expressão, o direito que temos todos a estar devida e verdadeiramente informados? Em discurso passado já falava da selvagem distorção que a maioria dos meios de comunicação e, sobretudo, dos meios televisivos privados, tem feito desta sagrada prerrogativa que nos proporciona a democracia bolivariana, roubando-nos a informação e convertendo os noticiários e reportagens em mera propaganda de guerra; em instrumento de terrorismo psicológico, sem pensar sobre o dano, a raiva, o desamparo que produzem na maioria da população com suas mentiras, com suas aberrações, com seu desrespeito sem limites. (CHÁVEZ, 2003, p. 62)

A lei, portanto, busca regulamentar os meios de comunicação venezuelanos, estabelecendo a responsabilidade social destes na fomentação de princípios como a liberdade de expressão, a proibição da censura prévia e a participação democrática da informação. Dentre seus artigos, encontra-se a regulação da classificação indicativa dos programas, a obrigação da execução do Hino Nacional no início e término da programação diária e a obrigatoriedade de transmissão das alocações do Executivo.

A lei também prevê sanções para os veículos comunicacionais que desrespeitam seus dispositivos, dentre elas multa, suspensão e revogação. Foi nesse diapasão que, até 2009, a Comissão Nacional de Telecomunicações, órgão responsável pelo monitoramento dos meios

¹⁴ Em 2011, foi promulgada a Lei de Responsabilidade Social de Rádio, Televisão e Meios Eletrônicos, a qual adicionou a responsabilidade social dos meios eletrônicos venezuelanos pela informação que veiculam. Dentre as modificações trazidas por ela, encontra-se a proibição expressa da difusão de mensagens que incitem ou promovam o racismo, a xenofobia, o ódio e a intolerância por razões de religião, política ou gênero, que façam apologia ao delito, que incitem a desobediência civil, que fomentem a inquietude dos cidadãos ou que induzam ao homicídio.

de comunicação venezuelanos, anulou a licença de 32 rádios e duas emissoras de televisão, dentre elas a RCTV¹⁵.

Outro passo efetivado na estratégia discursiva chavista diz respeito ao surgimento da Telesur, em 2005. De propriedade multi-estatal (Venezuela, Argentina, Cuba, Uruguai, Bolívia, Equador e Nicarágua), esse canal televisivo foi criado com o intuito de impedir o monopólio das informações por parte das grandes redes globais de comunicação¹⁶, evitando que a opinião pública latino-americana tenha acesso apenas ao material do “Norte” sobre os fatos que ocorrem na Venezuela e em países vizinhos (VALENTE; SANTORO, 2006). Nesse sentido, dispõe o texto de lançamento oficial:

Imagine um canal de televisão que se proponha a combater o discurso único das grandes redes globais de comunicação, todas com sede em países ricos. Uma tevê que mostre o Sul com os olhos do Sul, revelando tudo o que vem sendo sonogado ao público sobre as verdadeiras lutas sociais e de libertação travadas pelos povos latino-americanos. Difícil imaginar? Pois é exatamente esta proposta da Telesur, que já pode ser captada via satélite da Patagônia ao Canadá. (TELESUR, 2011)

O canal Telesur representa, portanto, um meio de consolidação do ideal bolivariano de união latino-americana, na medida em que busca defender e fortalecer os laços culturais e políticos da região, ao passo que tenta reduzir a influência da cultura nórdica no cotidiano da população. Não por coincidência seu slogan é: “Nosso Norte é o Sul” (TELESUR, 2011).

No mesmo diapasão, a agência de notícias do governo, a Agenda Venezuelana de Notícias (AVN), existente desde 1977, estabeleceu uma aliança estratégica com agências governamentais de oito países latino-americanos (Brasil, Cuba, Equador, Argentina, Bolívia, Guatemala, Paraguai e México), criando a União Latino-americana de Agências de Notícias. Concebida para enfrentar os grandes meios comunicacionais dos EUA e Canadá: “as nove instituições apostam na conversão da ULAN em um espaço democrático e plural, capaz de divulgar a nível global os pontos de vista latino-americanos, bem como os esforços e sucessos dos povos na luta por sua justiça social” (SAMPAIO, 2011).

No contexto de informação estatal, merece menção ainda o Programa Aló Presidente, conduzido pelo próprio presidente Hugo Chávez desde o primeiro ano de governo, 1999.

¹⁵ A RCTV, desde o golpe de 2002, tem sido reconhecida nos discursos do presidente Hugo Chávez como um dos “Cavaleiros do Apocalipse” (CHÁVEZ, 2003, p.95), juntamente com os canais televisivos Venevisión, Globovisión e Televen. Em 2007, sua concessão de transmissão em sinal aberto foi revogada e três anos depois, em 2010, a transmissão em TV a cabo também. Hoje em dia, as críticas à gestão chavistas são feitas apenas pela *Internet*, o que não despontencializa sua influência nos meios de oposição.

¹⁶ Segundo Nogueira (2009), parte da estratégia comunicacional chavista tem sido pensada como uma resposta frente ao imperialismo estadunidense. Sendo assim, a defesa da integração latino-americana em um plano retórico se insere na relação de forças que Venezuela e EUA estão constantemente disputando.

Após o golpe e a paralisação, ele se consolidou, sendo transmitido por um número crescente de canais de TV e emissoras de rádio, nacionais e internacionais, além de estar disponibilizado na internet. Segundo o site oficial:

O Alô Presidente [...] é uma nova forma de fazer política, sincera, socialista, humana: quando o primeiro mandatário nacional está em contato direto com seu povo e vice-versa busca, fundamentalmente, recriar as obras que constituiu e constitui o Governo Bolivariano, expor a gestão, os planos e projetos, a ideologia e o pensamento bolivariano; em suma: a construção do Socialismo do século XXI. (ALÓ, 2011)

O programa é, assim, uma das principais ferramentas comunicacionais do processo bolivariano. Através dele, o presidente venezuelano aborda diversos temas, tais como história e economia, anuncia novas medidas, analisa as mudanças estruturais que vem ocorrendo na Venezuela, tira dúvidas do povo e responde às críticas proferidas contra ele e seu governo.

A resposta governamental frente à partidarização midiática também abrange a ideia de fortalecimento da comunicação feita pela população. Segundo Rovai (2007):

Durante o golpe midiático-militar [golpe de 2002], os meios comunitários de informação [...] foram os primeiros locais a sofrer ataques do novo governo. Mesmo sem os transmissores, aqueles que trabalham nesses veículos foram para a rua com suas câmeras e gravadores e registraram muitas das imagens e sons que hoje circulam o mundo, contando uma versão do mundo completamente diferente da registrada pelos meios tradicionais venezuelanos. [...] [Na paralisação nacional] novamente esses meios foram importantes. Quando a economia foi estrangulada e começou a faltar de tudo no país, desde farinha a gasolina, [...] essas emissoras divulgavam reportagens e entrevistas que mostravam uma outra versão do que estava ocorrendo. (ROVAI, 2007, p. 102)

Os meios de comunicação comunitários demonstraram, com isso, que são ferramentas úteis para neutralizar a distorção da mídia privada. Caracterizando-se pela busca do fortalecimento da identidade cultural dentro dos paradigmas revolucionários, pela eliminação dos símbolos e narrações vinculados à cultura americana e pela contrainformação (Mujica, 2009), Chávez passou a reconhecê-los como importantes componentes de sua estratégia discursiva¹⁷.

Nesse sentido, vários programas e ações governamentais foram instaurados para promover, financiar e auxiliar os meios de comunicação comunitários, como os cursos de

¹⁷ O Plano Nacional de Telecomunicações, Informática e Serviços Postais estabelece como uma de suas metas a inserção dos cidadãos no feito comunicacional através da promoção de mais e melhores meios comunitários. Nesse sentido, o Ministério de Comunicação e Informação da Venezuela criou um diretório voltado exclusivamente à consecução de políticas relacionadas aos Meios Comunitários e Alternativos.

formação especializada em televisão, diagramação e produção. Concomitantemente, o governo tem investido na inserção da camada menos favorecida à rede mundial de computadores.

Um dos primeiros programas impulsionados pela gestão chavista foi o Infomovil, pelo qual um caminhão equipado com *Internet* via satélite circulava pelos bairros populares. De acordo com Tavares (2005, p.101), essa foi “a maneira que o governo encontrou para ligar as comunidades pobres ao mundo, e o mundo a elas. [...] [Dessa maneira] fogem do domínio dos grandes meios”. Em 2007, o Projeto Infocentro surge com o objetivo de:

Fortalecer o poder popular e lograr a inclusão de amplos setores da população no uso de tecnologias de informação e comunicação, sua apropriação e aproveitamento pelas comunidades e redes sociais que respondam às necessidades locais, regionais e nacionais, conformando redes de cooperação, informação e saberes, e seu uso no fortalecimento das relações e valores que apoiam o novo modelo socialista do país. (MINISTÉRIO, 2011)

Em suma, a percepção pela gestão chavista que os meios de comunicação privados são um forte adversário político provocou uma mudança na estratégia discursiva do governo. Tendo em vista a campanha midiática diária de deslegitimação, era preciso ocupar todos os espaços de comunicação à disposição para atuar de maneira a fortalecer o ideal e a prática bolivariana. É nesse contexto que o discurso chavista tem se consolidado na televisão, no rádio, na mídia impressa e na internet.

CAPÍTULO III: @CHAVEZCANDANGA

Presenciamos no fim do século XX o surgimento de um novo sistema eletrônico de comunicação, o ciberespaço. Nele, a informação é produzida, armazenada e distribuída através do emprego das redes de computadores, possibilitando a formação e a disseminação de conhecimentos em escala global por meio de uma plataforma todos-todos¹⁸, denominada *Internet*.

As novas tecnologias de comunicação, dessa maneira, permitem que o consumidor e o provedor da informação se encontrem na mesma pessoa. Com isso, deixa-se de existir a figura do receptor passivo de manipulação ideológica, na medida em que os frequentadores do espaço cibernético estão expostos à diversidade de pensamentos e aos diferentes pontos de vistas de forma direta, sem qualquer tipo de interferência. É nesse sentido que as novas ferramentas comunicacionais têm atraído progressivamente a adesão de internautas de diversas partes do planeta, interessados no compartilhamento cada vez maior de opiniões e ideais.

O presente capítulo busca, portanto, demonstrar como as propriedades oferecidas pelo Twitter possibilitaram sua inserção na estratégia discursiva do governo chavista. Para tanto, será realizada inicialmente uma breve explicação sobre esse meio comunicacional e, em seguida, será analisada a conta aberta por Hugo Chávez nessa mídia (@chavezcandanga).

3.1 Uma breve noção sobre o Twitter

O Twitter é um serviço de comunicação *online* criado em 2006 que disponibiliza um espaço para a publicação de mensagens limitadas a 140 caracteres, denominadas *tweets*. Define-se como uma mídia social e, nesse sentido, a interação entre seus usuários (“twitteiros”) acontece por meio do compartilhamento e da criação colaborativa de informação, em que cada perfil pode produzir conteúdo, assim como repassá-lo, comentá-lo e editá-lo.

Assim, uma das características peculiares do Twitter diz respeito ao fluxo informacional. A limitação do tamanho das mensagens possibilita uma comunicação fácil,

¹⁸ Segundo Pierre Lévy (1999), existem três categorias de dispositivo comunicacional: um-todos ocorre quando um emissor envia sua mensagem para uma diversidade de receptores (ex.: televisão); um-um diz respeito à comunicação bilateral, de um indivíduo com o outro (ex.: telefone); por fim, todos-todos refere-se à forma progressiva e cooperativa em que uma comunidade constitui um contexto comum, o que é possibilitado de forma original pelo ciberespaço (ex.: conferência eletrônica).

rápida e com alta frequência de atualização (O'REILLY; MILSTEIN, 2009), tornando possível a publicação de conteúdos com uma agilidade que supera os meios de comunicação tradicionais¹⁹. Seu uso ocorre a partir de uma série de mecanismos, como telefones celulares e programas de desktop, o que provoca uma massiva publicação de mensagens diárias: 250 milhões de mensagem/dia (PERALTA, 2011). Constitui-se, deste modo, uma rede de informações contínua e em tempo real, na qual: “fala-se para o mundo, com a velocidade de uma mensagem instantânea” (SHIRAKASHI apud LEMOS, 2008).

Além disso, o Twitter permite a “propagação de ideias e opiniões de qualquer pessoa” (ALVES, 2011), o que resultou na criação, até maio de 2011, de 301 milhões de perfis (NÚMERO, 2011). Nessa mídia, cada usuário é um canal emissor de informação e, sendo assim, tem a liberdade de tornar público o comentário que lhe convier, bem como compartilhar links para imagens, artigos e discussões que estejam disponíveis em endereço da *Internet*. Com isso, essa ferramenta cada vez mais tem sido usada para divulgar o que as pessoas estão preocupadas e interessadas, transbordando sua proposta inicial de resposta para a pergunta “o que você está fazendo?”.

O conteúdo informacional dessa mídia, portanto, é muito amplo. Diferentemente das demais redes sociais baseadas em perfis individuais com acesso restrito, as mensagens no Twitter são predominantemente públicas e sua visualização se estende a qualquer pessoa, bastando acessar a página pessoal do usuário.

A página inicial de cada usuário, por sua vez, é única e personalizada. O “twitteiro”, com base na experiência midiática que pretende obter, escolhe os perfis que deseja acompanhar (na terminologia dessa ferramenta, “seguir”) e, por conseguinte, os *tweets* que espera receber. De acordo com O'Reilly e Miltein (2009, p. 33):

quando seguimos alguém, recebemos mensagens sobre todas as suas atualizações. Quando alguém nos segue, ele recebe mensagens sempre que atualizamos nossa conta. Diferentemente de outros softwares sociais, seguir, no Twitter, representa o que os *nerds* costumam chamar assimetria, ou seja, a pessoa não precisa te seguir para que você veja as mensagens dela [em sua página inicial].

Dessa forma, o fluxo interno de mensagens presente na página inicial do usuário, apresentada em ordem cronológica inversa, é resultado de uma escolha pessoal pelas ideias e

¹⁹ A mídia tradicional tem percebido o Twitter como uma nova ferramenta a ser aplicada em seu editorial. Por um lado, aderem a essa rede como forma de ter mais fontes e estar mais perto delas, publicando a informação divulgada por estas. Por outro, criam mecanismos que permitem a interação entre seus seguidores e sua pauta diária, como as revistas que apresentam a opinião de seus leitores através dos *tweets* que enviam para seu perfil.

informações que deseja receber em tempo real. Nesse sentido: “o Twitter é o melhor *antispam* que poderia ser inventado. Você só recebe informações de quem quer” (BRANCO apud ALVES, 2011).

Essa interatividade fluida característica do Twitter possibilitou que os próprios usuários criassem espontaneamente mecanismos de resposta, apropriação e redirecionamento de *tweets*. São eles: @nomedaconta, hashtags e RT.

O “@nomedaconta” é utilizado quando um usuário deseja enviar um *tweet* para outro, seja para fazer algum comentário, sugestão ou responder pergunta. Ele fica visível para seus seguidores, os quais também podem se inserir na interação usando o mesmo mecanismo. O hashtag (jogo da velha seguido de algum termo), por sua vez, é uma forma de categorizar um grupo de mensagens que remota a um mesmo assunto. Funciona, assim, como indexador de temas, agregando todos os *tweets* que as contenha. A seu turno, o RT (retuitar) é empregado quando um usuário deseja retransmitir uma informação publicada em um dos perfis que segue ao seu grupo de seguidores.

Portanto, o Twitter é um mecanismo comunicacional que viabiliza uma interação social sem precedentes, cujas propriedades tornam possível seu uso para diversas finalidades, incluso política. Como elucida Spyer (2011):

Nenhum político estranharia se visse em sua agenda eleitoral tempo reservado para o chamado “corpo-a-corpo eleitoral”, ou seja, para andar por um bairro e escutar o que os cidadãos têm a dizer - elogios e críticas - e responder mostrando o que pensa sobre cada assunto levantado. [...] [O] Twitter é a versão online desse corpo-a-corpo.

O Twitter possibilita uma comunicação direta entre o político e a sociedade. Através dessa ferramenta, aquele pode divulgar sua agenda política e as ações governamentais, opinar acerca de temas em voga na mídia, receber e responder as críticas e sugestões direcionadas à sua gestão, e medir sua popularidade.

Diante disso, percebe-se uma massiva circulação de *tweets* de vereadores, deputados, senadores, governadores, ministros e mesmo chefes de Estado nessa rede social. O presidente dos EUA, por exemplo, criou sua conta em 2008, com o objetivo de promover sua plataforma eleitoral e interagir com os cidadãos americanos²⁰. O Ministério da Defesa de Israel, por sua vez, realizou uma coletiva de imprensa utilizando-se dessa plataforma. No Brasil, José Serra,

²⁰ Barack Obama é o usuário mais seguido do Twitter. Em outubro de 2011, ele atingiu o número de 10.850.000 milhões de seguidores.

Marina Silva e Plínio Arruda buscaram aumentar o número de votos por meio da conversação com os “tuitteiros”.

O Twitter, contudo, não apresenta apenas reflexos positivos aos políticos. Ao permitir o compartilhamento de visões entre pessoas como os mesmos interesses, seu uso se estende à manifestação política (BARONE, 2011). Foi assim, por exemplo, que o protesto contra os escândalos envolvendo o ex-senador José Sarney tornou a hashtag #forasarney uma das mais tuitadas do serviço, com mais de 10 mil mensagens em uma hora.

A denúncia de abusos patrocinados por órgãos governamentais também tem sido alvo dos *tweets*. Em maio de 2009, o governo da China bloqueou o acesso de sua população ao Twitter, como forma de evitar uma discussão com repercussão mundial acerca do vigésimo aniversário do Massacre da Praça Celestial (JOHNSON, 2011). No mesmo ano, os usuários desse meio comunicacional o utilizaram para divulgar ao mundo as perseguições, a censura ditatorial e as atividades irregulares relacionadas com o processo de eleição presidencial no Irã, já que a imprensa estrangeira foi impedida de realizar a cobertura tradicional (ALVES, 2011).

Em suma, o Twitter se apresenta como:

Uma verdadeira ágora digital global: universidade, clube de entretenimento, ‘termômetro’ social e político, instrumento de resistência civil, palco cultural, arena de conversações contínuas. [...] serve como um meio multidirecional de captação de informações personalizadas; um veículo de difusão contínua de ideias; um espaço colaborativo no qual questões, que surgem a partir de interesses dos mais microscópicos aos mais macroscópicos, podem ser livremente debatidas e respondidas; uma zona livre – pelo menos até agora – da invasão de privacidade que domina a lógica do capitalismo corporativo neoliberal que tudo invade”. (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p.67)

Constitui-se, portanto, como uma ferramenta multifuncional. Por um lado, é um ambiente de conversação, para compartilhar novidades e fazer amizades. Por outro, é mecanismo de difusão de informação, útil para divulgar notícias e eventos, publicar críticas, protestar, denunciar e tomar ciência das ações e opiniões de pessoas públicas.

3.2 Hugo Chávez: um tuitteiro da Revolução Bolivariana

A *Internet* é considerada assunto de interesse público na Venezuela desde 2000, quando o Decreto nº 825 estabeleceu uma política prioritária em relação ao seu acesso e uso como forma de promover o desenvolvimento cultural, econômico, social e político do país. Após os eventos protagonizados pela oposição dois anos depois – Golpe de Estado e paralisação

nacional, essa posição foi intensificada e ampliada, na medida em que passou a figurar como estratégia comunicacional do governo.

Nesse sentido, diversos programas foram criados pela gestão chavista para possibilitar o progressivo acesso de todos os setores sociais à rede de computadores e, por conseguinte, fortalecer a presença de defensores do bolivarianismo nessa plataforma. Com resultado, em abril de 2010, mais de nove milhões de venezuelanos tinham acesso à *Internet*, ou seja, um terço da população, sendo que 63% dos usuários pertenciam aos estratos socioeconômicos D e E. A Venezuela torna-se, então, o terceiro país com maior penetração de pessoas no ciberespaço da região latino-americana, atrás apenas de Brasil e Chile, respectivamente (SANTAMBROGIO, 2011).

A estratégia, contudo, foi consolidada quando Chávez decidiu aderir à *Internet*: “Os mecanismos tecnológicos não podem estar na mão da burguesia. Devem estar na mão da sociedade, para a batalha ideológica, de forma que sou eu um navegante desse mundo tecnológico para a batalha social. [...] Revolução em todos os espaços!” (VTV, 2011).

Assim, a partir de 2010, a presença do presidente venezuelano e da base aliada nas tecnologias de informação passa a ser percebida como uma ferramenta importante de combate ideológico contra os valores capitalistas. Segundo Chávez (apud HUGO, 2011a), ele deveria tornar-se um ativista cibernético e defender a Revolução Bolivariana na *web*, tendo em vista que suas propriedades podem ser utilizadas para auxiliar na tarefa de difusão do ideal socialista. Além disso, era preciso “retirar à oposição um espaço que esta entendia ser uma propriedade privada” (HUGO, 2011c).

O governo chavista, nesse contexto, muda seu posicionamento em relação ao Twitter: a proposta inicial de bloquear seu acesso devido ao desrespeito à Lei de Responsabilidade Social dos Meios Eletrônicos que propicia, foi transformada em política de grande interesse para a consolidação do discurso bolivariano em escala mundial. Assim, em 1 de abril de 2010, Hugo Chávez abre sua conta nessa rede social.

Seu nome de usuário é a combinação entre seu sobrenome e o adjetivo “candanga”, que “na Venezuela utiliza-se para definir alguém forte, explosivo ou que gosta de se meter em problemas. Em definitiva, alguém que gosta de dar guerra” (CHÁVEZ apud HUGO, 2011c). A descrição de si no perfil ratifica essa ideia, sendo conciso ao afirmar: “Presidente da República Bolivariana da Venezuela. Soldado Bolivariano, Socialista e Anti-imperialista” (TWITTER, 2011). Deste modo:

Não é ousado afirmar que a decisão de Chávez, ao estreitar sua conta no Twitter e dar um uso criativo para transparecer sua gestão de governo e abrir novos canais de

contato com o povo, pode ser considerada como uma das ações estratégicas mais importantes das forças revolucionárias, a nível mundial, na luta para derrubar seus próprios limites e avançar em direção à transformação de uma realidade [...]. Não se pode revolucionar o injusto sem conhecer as chaves de cada tempo. (MATA, 2011)

O Twitter, de fato, vem se apresentando como uma importante ferramenta comunicacional para o governo chavista. Após 24 horas de seu primeiro *tweet*, já apresentava 70.000 mil seguidores. Um ano depois, esse número subiu para 1.431.961 milhões e em agosto atingiu dois milhões (PERFIL, 2011). O presidente é, assim, o usuário venezuelano com maior número de seguidores nesse meio de comunicação.

Hugo Chávez constitui-se também como o chefe de Estado mais seguido na região latino-americana. Até 2 de setembro de 2011, possuía 2.012.958 seguidores, em face aos 964.556 mil de Felipe Calderón (México), 794.160 mil de Dilma Roussef (Brasil), 600.565 mil de Cristina Kirchner (Argentina), 389.996 mil de Juan Manuel Santos (Colômbia), 146.335 mil de Fidel Castro (Cuba) e 76.606 mil de Rafael Correa (Equador) (HUGO, 2011b).

Além disso, de acordo com o coordenador de sua conta²¹, Hugo Chávez recebe cerca de 11.000 mil mensagens ao dia e impulsiona um milhar de replicações em média (SERRANO apud PRENSA LATINA, 2011). Com isso, dentro os trezentos milhões de perfis cadastrados na mídia, ele se coloca na 827^a posição do rank mundial que mede o grau de popularidade e influência dos usuários do Twitter (TWEETRANK, 2011).

A adesão de Hugo Chávez ao Twitter, portanto, insere-se na estratégia governamental de consolidação do discurso chavista nos espaços de comunicação. As mensagens limitadas em 140 caracteres são, assim, construções linguísticas resultantes dos constrangimentos diários que o conflito informativo face à mídia privada lhe impõe.

3.2.1 O contato direto com a população

A gestão chavista, desde 2002, tem se preocupado com a manipulação ideológica patrocinada pela mídia privada, cujo editorial, intrinsecamente ligado aos valores capitalistas, promove uma distorção das ações governamentais. Diferentemente dos meios tradicionais, contudo, o Twitter se baseia na livre circulação de conteúdos, permitindo, assim, que a informação chegue à população sem qualquer intermediação²².

²¹ Nove dias após a abertura de sua conta no Twitter, o presidente venezuelano contratou uma equipe com cerca de duzentas pessoas para auxiliá-lo a responder as mensagens que recebe.

²² Os *tweets* presentes nesta seção e nas subsequentes estão traduzidos pela autora do presente estudo.

Nesse sentido, Hugo Chávez percebeu nessa rede social uma maneira de consolidar o discurso bolivariano, apropriando seu uso como forma de promover a Revolução Bolivariana, o ideal socialista e os programas de governo. Além disso, utiliza-a para manter um diálogo aberto com os usuários, receber sugestões e críticas.

Dessa forma, uma das características da conta @chavezcandanga diz respeito à presença constante de símbolos da nacionalidade venezuelana. Enfatiza-se que a população venezuelana é herdeira dos personagens históricos da Revolução de 1810, os quais buscaram construir uma região independente e unida. No dia do aniversário de nascimento de Simón Bolívar, por exemplo, Chávez tem publicado:

@chavezcandanga Bom dia Camaradas! Feliz aniversário ao nosso Pai Bolívar!! Vamos presentear-lo com a Bandeira da Liberdade pelas mãos de seu Povo!! (24 jul 2010)

@chavezcandanga Falo-te PovoVenezuelano e Meu: façamos hoje e para sempre que Bolívar Viva em Nós, em nossas ideias, nossa conduta de CadaDia!! (24 jul 2011) ²³

De modo análogo, Hugo Chávez se pronunciou no dia 5 de julho de 2011, durante o Bicentenário de Independência da Venezuela: “Que Paixão Pátria esmagadora! Que Bicentenário! Que Povo! Que Soldados! Que orgulho de ser Soldado do Povo de Simón Bolívar!!”. Na ocasião, o presidente estava se recuperando da cirurgia para a retirada do tumor cancerígeno na região pélvica e não pode estar pessoalmente no desfile militar, porém demonstrou ao seu povo por meio do Twitter que acompanhava a comemoração.

Através desse meio comunicacional, Hugo Chávez também convoca os venezuelanos a defender o socialismo nas eleições e a se afiliar ao PSUV. Conforme elucidado no *tweet* de 25 de maio de 2010: “Vamos todos a nos inscrever no Partido Socialista Unido de Venezuela!! E todos a contribuir com um dia de salário!!”. Dois meses depois, convida-os a aderir às Patrulhas Bolívar 200, organizações criadas meses antes das eleições parlamentares em setembro com o objetivo de promover o projeto político socialista nas comunidades: “Bom camaradas, todos a integrar as Patrulhas Bolívar 200!! Já se vê como andam os esquálidos de desesperado!”²⁴.

O contato direto com a população resulta em outro uso do Twitter pelo presidente venezuelano: prestação de contas. Através dele, divulga os investimentos e os programas que

²³ As citações diretas realizadas nesta seção e nas subsequentes têm como referência: <<http://twitter.com>>.

²⁴ “Esquálidos” é o apelido auferido por Chávez à oposição, tendo em vista que sua base de apoio é muito pequena em relação à chavista.

foram realizados ou que estão se desenvolvendo, de forma a demonstrar os resultados práticos da Revolução Bolivariana. Nesse sentido:

@chavezcandanga Que impressionante! Digo a vocês com números: quase 500 milhões de consultas médicas atendeu a Missão Bairro Adentro... (16 set 2010)

@chavezcandanga Olá meus amigos e amigas. Aprovei 413mil Bs para o reimpulso da transformação penitenciária. Temos que seguir humanizando tudo (1 jun 2011)

Os usuários do Twitter, contudo, também podem opinar sobre os resultados da Revolução. Assim, utilizam o espaço de 140 caracteres para criticar, apoiar, pedir ajuda e tirar dúvidas acerca das ações governamentais. Como nos elucidamos:

@APOLO200 @chavezcandanga Comde agora os esquálidos estão loucos, com a candangamania. Tem que dar-lhes mais candangaços para que aprendam a respeitar (08 maio 2010)

@chavezcandanga @APOLO Claro Apolo. Ao ataque com candanga e mais candanga! (08 maio 2010)

@jcminnazam @chavezcandanga Sr suas intromissões prejudicam relações bilaterais, não se ache o centro do universo, #PERDEDOR (08 maio 2010)

@chavezcandanga @jcmisnazam Sr. Julio Cesar te convido a que veja o senhor melhor à realidade. A Revolução Bolivariana o que faz é cooperar com os povos!! (08 maio 2010)

O Twitter é, portanto, uma rede social que viabiliza um canal de comunicação direto entre o presidente venezuelano e a população. Com isso, possibilita a promoção do ideal bolivariano, ao passo que o conceito de participação protagônica do povo é posto em prática.

3.2.1.1 *A provocação à oposição nacional*

A crítica à classe burguesa venezuelana sempre esteve presente nos discursos proferidos por Hugo Chávez. A possibilidade de contato direto proporcionado pelo Twitter torna essa rede uma nova plataforma voltada para esse fim.

Nesse sentido, pessoas de qualquer parte do mundo, ao acessar a conta @chavezcandanga, encontra uma série de mensagens que deprecia a burguesia nacional. Por um lado, o presidente a culpa por impedir o sonho bolivariano de independência. Por outro, critica-la por defender um sistema voltado à exclusão social, o capitalismo.

O *tweet* do dia 4 de junho de 2010 exemplifica o primeiro caso. Nele, Hugo Chávez acusa a burguesia nacional pelo assassinato de Mariscal de Sucre, amigo de Bolívar e general com participação protagonista na revolução política de 1810 contra a dominação espanhola:

“Oi Camaradas! Um dia como hoje, faz 180 anos, a mão criminal da contrarrevolução Assassinou ao Grande Mariscal Sucre! VivaSucre! AbaixoBurguesia!”. À segunda crítica, por sua vez:

@chavezcandanga O capitalismo criado na Venezuela foi o mais parasitário de toda a história econômica. E foi feito na medida do CapitalImperialismo (12 jun 2010)
 @chavezcandanga Daqui se vê claro: uma bancada opositora pronta para defender o indefensável: o neoliberalismo e suas políticas de fome! (24 fev 2011)

A mídia privada, em específico, é retratada pelo presidente venezuelano como um mecanismo de propagação de mentiras. Dessa maneira, aproveita o Twitter para promover os meios comunicacionais governamentais, destacando seu compromisso com a veracidade dos fatos que veiculam.

O blog que possuí, denominado *Líneas de Chávez*²⁵, já foi tema de alguns *tweets* e RT. Nesse espaço, escreve sua opinião acerca da realidade venezuelana e do cenário internacional, evidenciando os problemas produzidos pelo sistema capitalista:

@chavezcandanga Opa meus camaradas, recomendo as *Líneas de Chavez* amanhã. Puros gols! Um Pensamento Central: O CAPITALISMO À VENEZUELANA NÃO DÁ MAIS!! (12 jun 2010)
 RT @lineachavez Cada ano escolar emtempodeRevolução, deve ser entendido como uma batalha por nossa definitiva Independência <http://bit.ly/9EBL6F> (6 out 2010)

A Venezuela de Televisão e o Aló Presidente também já receberam inúmeras referências. Quando este completou doze anos de existência, Chávez comemorou: “Aló Presidente: 12 anos na batalha das ideias! Felicitações a todo esse exército de homens e mulheres que o torna possível! Vamosnessa!!”. Por seu turno, no aniversário de 47 anos daquele, publicou: “Oi rapazes de TodaVenezuela! Oi garotas do Canal 8! Vamos em frente com a Batalha das Ideias, por esse SupremoValor da Veracidade!”.

A provocação à oposição nacional é uma constante no Twitter. Com isso, tem cumprido a promessa realizada em março de 2011: tonar a *Internet* uma trincheira frente à batalha ideológica que enfrenta contra aquela (HUGO, 2011a).

3.2.2 A defesa de um mundo multipolar

²⁵ A conta @lineachavez foi criada em outubro de 2010 com o fito de publicar *links* para os artigos de Hugo Chávez do blog. Contudo, encontra-se desatualizada desde janeiro de 2011.

A construção de um modelo equitativo de Relações Internacionais, baseado em um mundo multipolar, atrai boa parte dos *tweets* de Hugo Chávez. Em comum, todos eles apresentam uma crítica ao imperialismo estadunidense e, na maioria, a defesa da independência dos Estados.

A volta de Manuel Zelaya à presidência, dois anos depois do golpe que o destituiu do poder, ensejou a mensagem: “Viva Zelaya e seu exemplo! É um verdadeiro Líder, ao assumir seu papel contra a adversidade! Viva Honduras”. Para a gestão chavista, as ações nacionalistas impulsionadas por esse político hondurenho desafiaram os interesses da classe alta nacional e da política estadunidense, as quais se uniram para depô-lo.

Sua relação amistosa consoante os Estados árabes, a seu tempo, tem impulsionado comentários negativos quanto ao posicionamento dos órgãos internacionais. No dia 24 de fevereiro de 2011, por exemplo, enquanto o vice-presidente do Executivo para assuntos políticos Nicolás Maduro discursava na Assembleia Nacional, destacando que a República Bolivariana advoga pela paz e pela independência da Líbia e, dessa forma, apresenta-se contrária à intervenção de frotas ocidentais no país, o presidente venezuelano tuitou: “Vamos Chanceler Nicolás: dá outra lição a essa ultradireita pitiyanki! Viva Líbia e sua Independência! Kadafi enfrenta uma guerra civil!!”.

Dias antes, havia expressado: “Quero dizer pela Rede: apesar dos interesses imperiais, se imporá a soberania do Povo Egípcio! Viva Nasser!”. Com isso, Hugo Chávez manifestava seu apoio à luta do povo egípcio por sua autodeterminação frente ao governo Muraback e os interesses estadunidenses na região. Ao mencionar Nassar, relembra do estadista egípcio, símbolo da luta pela soberania dos países árabes contra a influência ocidental nas décadas de cinquenta a setenta.

Em maio de 2011, as sanções impostas pelo governo dos EUA à estatal PDVSA pelo motivo desta fazer negócios com o Irã também provocou a reação do presidente venezuelano pelo Twitter: “Sanções contra a Pátria de Bolívar? Impostas pelo governo imperialista gringo? Pois: Bem-vindas Sr Obama! Não Esqueça Q Somos Filhos de Bolívar!”. Nesse contexto, o Estado americano acusava os iranianos de planejar produzir armas de destruição em massa e impunha sanções para fazê-los interromper esse processo, ao passo que o governo chavista defendia o direito do país desenvolver um programa nuclear para fins pacíficos.

Hugo Chávez se utiliza do Twitter como meio de expressar sua opinião acerca da política internacional. Deste modo, enfatiza as consequências negativas do imperialismo estadunidense por meio de mensagens que adquirem alcance mundial em tempo real.

3.2.2.1 O ideal bolivariano de integração latino-americana

“A liberdade do novo mundo é a esperança do universo”
Simón Bolívar

Um dos eixos principais da Revolução Bolivariana diz respeito à consolidação da união latino-americana como forma de superar a dependência em relação aos países nórdicos, especialmente EUA. Esse posicionamento é ratificado no Twitter, cujos discursos buscam evidenciar o fortalecimento dos laços políticos e culturais na região.

Nessa perspectiva apresentou-se o primeiro *tweet* de Hugo Chávez, publicado na madrugada do dia 28 de abril de 2010: “Opa, tudo bem? Apareci como disse: à meia-noite. Vou ao Brasil. E muito feliz por trabalhar por Venezuela. Veneceremos!!” (@chavezcandanga, 2011). Na ocasião, o presidente venezuelano e o brasileiro iriam se encontrar para assinar vinte e um acordos bilaterais de cooperação, envolvendo matérias como intercâmbio energético e tecnológico.

A realização de visitas aos países vizinhos se apresentaria, desde então, como um tema recorrente das mensagens do Twitter do presidente venezuelano. Todas elas buscam enfatizar a força do povo latino-americano, bem como seu protagonismo na concretização de uma América Latina integrada. Nesse sentido, exemplificam os *tweets* relacionados ao Bicentenário de Independência da Argentina e à visita ao Uruguai:

@chavezcandanga Bom dia Venezuela! Foi fabuloso o dia Bicentenário aqui em BuenosAires! É uma verdadeira Revolução de paixão Pátria! Bolivar vive!! (26 maio 2010)

@chavezcandanga Chegamos ao Uruguai para nos reencontrar com este povo que tantoAmamos. Nos espera outra jornada importante para a Integração Sul-americana. (30 mar 2011)

A vitória de governos de esquerda em processos eleitorais na América Latina também ensejam mensagens que ressaltam sua importância para o compromisso bolivariano. Quando o referendo popular perpetrado no Equador para implementar mudanças em temas como estrutura do poder judiciário, regulação dos meios de comunicação e legislação ambiental recebeu o apoio da maioria da população, Hugo Chávez publicou: “Impressionante a grande vitória do povo Equatoriano e seu líder, o irmão Bolivariano e Alfarista Rafael Correa!! Seguimos Vencendo” (@chavezcandanga, 2011). De forma semelhante:

@chavezcandanga Dentro de alguns minutos falarei com a nova Presidenta do Brasil. Ela obteve uma grande vitória. Em 2011 Argentina Vencerá! E em 2012 (1 nov 2010)

@chavezcandanga E em 2012 compete ao Povo Venezuelano seguir levantando as vitoriosas Bandeiras Bolivarianas! Chegou por fim o Grande dia de NossaAmérica! (1 nov 2010)

A tradicional defensora do ideal socialista, por sua vez, não é esquecida. Dentre os *tweets* enviados por Chávez aos seus seguidores, Cuba frequentemente se apresenta como um país fundamental para a luta contra o imperialismo estadunidense. Em 16 de abril de 2011, ao completar cinquenta anos da invasão de mercenários armados na costa sul cubana que intentavam derrotar o governo do país e instaurar um governo provisório sob os auspícios dos EUA, ele publicou: “50 anos do grande triunfo da Playa Girón!! Viva Fidel!! Viva Cuba Socialista! Venceremos”.

A interação direta com os demais chefes de Estado que possuem conta no Twitter é outra característica do perfil @chavezcandanga. Quando um deslizamento de terra destruiu a moradia de mais de cem famílias no sudeste do México, por exemplo, Hugo Chávez enviou uma mensagem solidária aos mexicanos por meio do Twitter do presidente Felipe Calderon:

@FelipeCalderon O clima e os deslizamentos de terra impedem chegar ao colapso de Tlahuitoltepec Oax. Chegaram a pé os primeiros soldados para operar o resgate. (28 set 2010)

@chavezcandanga @FelipeCalderon Estimado Presidente, da Pátria de Bolívar vai ao povo do México nosso abraço infinito e solidário. (29 set 2010)

Em 140 caracteres, portanto, o presidente venezuelano difunde aos seus seguidores uma imagem da América Latina que se caracteriza pelo diálogo político e pela progressiva implementação da ideologia bolivariana. A Revolução Bolivariana, nesse sentido, espalha-se para além das fronteiras venezuelanas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo monográfico pretendeu analisar a inserção do Twitter na estratégia discursiva do governo chavista face ao conflito informativo que este enfrenta perante a mídia privada. Assim, buscou compreender o contexto em que Hugo Chávez e seu discurso bolivariano ascenderam na política venezuelana e as consequências resultantes da implementação da Revolução Bolivariana na realidade nacional e internacional.

Para tanto, adotou uma visão construtivista das Relações Internacionais, baseada pela compreensão do cenário internacional a partir das práticas textuais e discursivas que o permeia. Nesse contexto, a pesquisa considerou a mídia como um ator internacional, capaz de construir regras, identidades e interesses que influem de forma direta no comportamento dos sistemas políticos nacional e internacional, e de atuar na condução de temas de alcance internacional.

Os estudos acerca da mídia como ator internacional ainda são incipientes se comparados com os demais atores emergentes das Relações Internacionais, como organizações não governamentais e opinião pública. Por conseguinte, o presente estudo monográfico encontrou dificuldades para encontrar fontes de pesquisa.

Apesar de o Twitter ter sido criado há cinco anos, existem poucos pesquisadores que se proponham a analisar o uso político dessa ferramenta comunicacional e, menos ainda, que busquem entender sua influência para o panorama internacional. O desenvolvimento de estudos sob essa perspectiva, no entanto, mostra-se cada vez mais primordial, tendo em vista a adesão crescente de personalidades políticas nessa rede social e sua utilização como mecanismo de manifestação política.

A pesquisa, inicialmente, verificou que a eleição de Hugo Chávez para presidente da República em 1999 se inseria em um contexto de insatisfação contínua da população venezuelana em relação ao regime que havia se instaurado no país desde o fim da década de cinquenta, o *puntofijismo*, cujo processo de deslegitimação se iniciou quando os sucessivos governos não conseguiram resolver os problemas socioeconômicos que caracterizava a realidade nacional. Nessa perspectiva, a promessa de reestruturação interna que permeava o discurso chavista era o que melhor traduzia o anseio do povo por mudanças.

A Revolução Bolivariana implementada pelo presidente Hugo Chávez provocou, assim, uma série de alterações na conduta política venezuelana. Baseado na “árvore das três raízes” e na ideologia socialista, o governo chavista adotou uma postura diametralmente oposta ao regime antecessor: a representação política foi transformada em participação protagônica da

população; a concentração produtiva no setor petrolífero cedeu espaço para o estímulo aos outros setores da economia; a distribuição clientelista da renda advinda do petróleo foi substituída pelas ações visando à inclusão social; e o relacionamento amistoso com os EUA foi sobreposto pela defesa de um mundo multipolar, menos dependente dos interesses estadunidenses.

Como resultado, o presente estudo constatou a mobilização dos meios de comunicação privados contra o governo chavista, na medida em que seus interesses, vinculados ao capitalismo, encontravam-se ameaçados. Assim, como um forte partido político opositor, adotaram um discurso único, voltado à produção de uma imagem negativa do presidente venezuelano e das conquistas bolivarianas. Nesse sentido, protagonizaram dois acontecimentos que tentaram destituir à força Hugo Chávez do poder: o golpe de estado de 2002 e a segunda paralização civil nacional. Em ambos os casos, investiram na convocação da população e na distorção dos fatos.

Frente a essa manipulação ideológica, como ficou demonstrado no segundo capítulo, o governo chavista investiu na consolidação do discurso bolivariano nos espaços de comunicação. Assim, criou um canal estatal e fortaleceu o já existente, estabeleceu parcerias com outros Estados na área comunicacional, promulgou a Lei de Responsabilidade Social de Rádio, TV e Meios Eletrônicos, e promoveu ações para a consolidação dos meios comunitários. Diante desse quadro, o estudo monográfico buscou entender a criação da conta @chavezcandanga na rede social Twitter.

Desse modo, verificou que essa ferramenta comunicacional se constitui como uma mídia social e, nesse sentido, suas propriedades visam uma interação baseada no compartilhamento de informações e opiniões entre os usuários, em tempo real e sem intermediários. Como consequência, percebe-se seu uso para diversas finalidades, como a política: por um lado, pessoas públicas aproveitam o espaço para promover seu projeto político e manter um diálogo com a população; por outro, esta se mobiliza, protesta e faz denúncias através de *tweets*.

A pesquisa concluiu que a inserção de Hugo Chávez na rede social Twitter faz parte da estratégia discursiva do governo, na medida em que se busca consolidar a presença do discurso bolivariano em uma nova plataforma comunicacional, a *Internet*. Dessa forma, o conflito informativo que a base chavista enfrenta perante a mídia privada se expande para um novo ambiente, o ciberespaço, o qual, diferentemente dos meios tradicionais, possibilita o contato direto entre o presidente venezuelano e a população.

O perfil @chavezcandanga, portanto, objetiva promover a Revolução Bolivariana, o ideal socialista e as ações governamentais, ao passo em que se critica o neoliberalismo, o imperialismo estadunidense, a burguesia venezuelana e os meios de comunicação privados. Além disso, através dessa rede social, o presidente venezuelano busca manter um canal de comunicação com os usuários, recebendo sugestões, críticas, mensagens de apoio e pedido de ajuda.

As eleições presidenciais na Venezuela ocorrem próximo ano. Oportunidade perfeita para analisar o uso do Twitter através de uma perspectiva política e, mais especificamente, observar esse meio comunicacional como uma nova ferramenta à disposição do campo de pesquisa das Relações Internacionais.

REFERÊNCIAS

- ALMENDRA, C. C. **Hugo Chávez e a Revolução Bolivariana na Venezuela**. In: COLÓQUIO MARX E ENGELS, 4, 2005. Campinas. **Anais...** Campinas, Cemarx – Unicamp, nov 2005.
- ALÓ Presidente: ¡Cómo un Presidente cautivó una audiencia, oyendo pasar los años!. Disponível em: < <http://www.alopresidente.gob.ve/> >. Acesso em: 10 out. 2011.
- ALVES, Cláudio Diniz. Informação na Twitosfera. **Scribd**. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/>>. Acesso em: 25 out. 2011.
- ARBEX JR., José. Cisneros, o poder e os limites da mídia. **Comunicação, Mídia e Consumo**, v.1, n. 2, p. 1-13, 2004.
- A REVOLUÇÃO não será televisionada. Produção por David Power. Direção de Kim Bartley e Donnacha O'Brian. Power Picture associada à Agência de Cinema da Irlanda, 2003 (74min).
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. As políticas neoliberais e a crise na América do Sul. **Revista Brasileira Política Internacional**, v.45, n. 2, p.135-146, dez 2002.
- BARONE, Victor. TWITTER: política em 140 caracteres. Blog **Escrevinhamentos**. Disponível em: <<http://escrevinhamentos.blogspot.com/>>. Acesso em: 21 out. 2011.
- BUZETTO, Marcelo. As lutas sociais e políticas na Venezuela Bolivariana. **Lutas Sociais**, n.19-20, p. 176-192, 2008.
- CAMARGO, Júlia Faria. **Mídia e Relações Internacionais: Lições da Invasão do Iraque em 2003**. Curitiba: Juruá, 2011.
- CANELÓN, Fidel. La partidocracia perfecta. **Antiescuálidos**. Disponível em: <<http://www.antiescualidos.com/>>. Acessado em: 07 out. 2011.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. Tradução: Roneide Venancio Majer. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- CHÁVEZ, Hugo. **El Golpe Fascista contra Venezuela**. La Habana: Ediciones Plaza, 2003.
- _____. Hugo Chávez Frías em La Biblioteca. **Analítica**. Disponível em: <<http://www.analitica.com/>>. Acesso em: 25 set. 2011.
- CIVIDANES, Jorge Lazo. Luchas Hegemónicas y Cambio Político: el avance de la izquierda suramericana en perspectiva comparada. **Colombia Internacional**, v. 66, p.96-119, jul-dez. 2007.
- EMERGENCE of a Venezuelan Potentate. **New York Times**, Nova York, 21 ago 1999. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/>>. Acesso em: 08 out. 2011.

FEIJÓO, José Carlos Valenzuela. Venezuela: algumas lições do golpe de estado e do contragolpe. *In.*: OURIQUES, Nildo (Org.). **Raízes no Libertador**: Bolivarianismo e poder popular na Venezuela. Florianópolis: Insular, 2005.

HARNECKER, Marta. **Un Hombre, Un Pueblo**. Caracas: Asociación Civil Universitaria por la Equidad, 2002.

_____. **Venezuela**: una Revolución Sui Generis. España: Viaje Topo, 2004.

HUGO Chávez agora é @chavezcandanga no Twitter. **Portal R7**. Disponível em: <<http://noticias.r7.com>>. Acesso em: 22 out. 2011a.

HUGO Chávez compara seu perfil do Twitter ao de outros líderes da América Latina para dizer que é influente. **Leitura Subjetiva**. Disponível em:<<http://www.leiturasubjetiva.com.br>>. Acesso em: 22 out. 2011b.

HUGO Chávez em discursos de 140 caracteres no Twitter. **Jornal de Notícias**. Disponível em: <<http://www.jn.pt>>. Acesso em: 22 out. 2011c.

JOHNSON, Steven. How twitter will change the way we live. **Time Magazine**, *sine loco*, 5 jun 2009. Disponível em: <<http://www.time.com/>>. Acesso em: 05 jun. 2011.

KRATOCHWIL, Friedrich. **Rules, Norms and Decisions**. 3. ed. Cambridge: Cambridge Univerty Pres, 1989.

LEMONS, Lúcia. O poder do discurso na cultura digital: o caso do twitter. . In: JORNADA INTERNACIONAL DE ESTUDO DO DISCURSO, 1, 2008. PR: Maringá. **Anais....** PR: Maringá, mar 2008.

LEÓN, Júlio César Moreno. MUD, precandidatos y liderazgo. **Radio Caracas de Televisión**. Disponível em: <<http://www.rctv.net/>>. Acesso em: 08 out. 2011.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, Venício A. Os mídia e o cenário de representação política. **Lua Nova**, n. 38, p.239-269, dec. 1996.

LORES, Raul Juste. O falastrão caiu. **Veja**, São Paulo, 17 abr. 2002. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/>>. Acesso em: 08 out. 2011.

MARINGONI, Gilberto. **A Venezuela que se inventa** – Poder, petróleo e intriga nos tempos de Chávez. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

MATA, Elíades Acosta. Un año después seguimos con Chávez, la Revolución y el Twitter. **Cuba Debate**. Disponível em: <<http://www.cubadebate.cu>>. Acesso em: 22 out 2011.

MAYA, Margarita López. **Luta hegemônica na Venezuela**: a crise do puntofijismo e ascensão de Hugo Chávez. Tradução: Flávio Benedito. Caracas: Alfadi, 2009.

MENDES, Gláucia da Silva. O governo Hugo Chávez nas páginas da grande imprensa venezuelana: uma análise do noticiário do jornal el Universal. **Revista PJ:BR Jornalismo Brasileiro**, ano 5, n. 10, jul. 2008.

MERENTES, Nelson. A atual fase de crescimento da economia venezuelana. **Revista Diplomacia, Estratégia e Política**, n. 7, jul-set. 2007.

MINISTERIO DE PLANEAMIENTO Y DESARROLLO DE VENEZUELA. Indicadores sociales. **Sistema Integrado de Indicadores Sociales de Venezuela**. Disponível em: <<http://www.sisov.mpd.gob.ve>>. Acesso em: 01 out. 2011.

MINISTERIO DEL PODER POPULAR PARA LA COMUNICACIÓN Y LA INFORMACIÓN. Disponível em: <<http://www.minci.gob.ve/>>. Acesso em 10 out. 2011.

MONTEIRO, Leonardo Valente. A política externa da Venezuela no governo Chávez: convivência entre revisionismo e legado. In.: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS. Toronto, out. 2010.

MUJICA, Pedro. Los medios comunitarios en Venezuela. In.: CONGRESSO IVECOM. 2, 2009. Mérida **Anais...** Mérida, abril 2009.

NOGUEIRA, Silvia Garcia. A “identidade latino-americana” e a integração regional: o projeto da rede de comunicação Telesur. **Carta Internacional**, n. 1, v. 4, mar 2009.

NÚMERO de usuários no Twitter se aproxima da população dos EUA. **Portal Terra**. Disponível em: <<http://tecnologia.terra.com.br/>>. Acesso em: 03 set. 2011.

OBLIVIOUS to the coming storm. **The Economist**, *sine loco*, 5 fev 2009. Disponível em: <<http://www.economist.com/>>. Acesso em: 08 out. 2011.

ONUF, Nicholas. **World Of Our Making: Rules and Rule In Social Theory and International Relations**. Columbia: University of South Caroline Press, 1989.

O'REILLY, Tim; MILSTEIN, Sarah. **Desvendando o twitter**. Tradução: Eduardo Fraguas. São Paulo: Digerati Books, 2009.

OSUNA, Nitu Pérez. Lo evidente. **Globovisión**. Disponível em: <<http://www.globovision.com/>>. Acesso em: 08 out. 2011.

PAIVA, Beatriz Augusto de. O poder popular na Venezuela e a praxis bolivariana. In.: OURIQUES, Nildo (Org.). **Raízes no Libertador: Bolivarianismo e poder popular na Venezuela**. Florianópolis: Insular, 2005.

PERALTA, Bruno. Twitter tem mais de 250 milhões de mensagens por dia. **Tecnologia**. Disponível em: <<http://www.tecnologia.com.pt>>. Acesso em: 28 out. 2011.

PETKOFF, Teodoro. Chao Hugo. **Tal Cual**, Caracas, 12 abr. 2002. Disponível em: <<http://simon-bolivar-org.blogspot.com/>>. Acesso em: 08 out. 2011.

PERFIL de Hugo Chávez en Twitter. Twitteros en Venezuela. Disponível em: <<http://twven.com>>. Acesso em: 10 out. 2011.

PRENSA LATINA. Chávez revolucionou o Twitter. **Portal Vermelho**. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br>>. Acesso em: 24 out. 2011.

ROVAI, Renato. **Midiático poder**: o caso da Venezuela e a guerrilha informativa. São Paulo: Publisher, 2007.

SAMPAIO, Gilson. Nació la Unión Latinoamericana de Agencias de Noticias (ULAN). **Blogspot**. Disponível: <<http://gilsonsampaio.blogspot.com>>. Acesso em: 20 out. 2011.

SANTAELLA; Lucia; LEMOS, Renata. **Redes sociais digitais**: a cognição conectiva do Twitter. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTAMBROGIO, Clelia. 9 millones de personas usan Internet em Venezuela. **Tendencias Digitales**. Disponível em: <<http://www.tendenciasdigitales.com/>>. Acesso em: 20 out. 2011.

SEABRA, Raphael. A revolução venezuelana: chavismo e bolivarianismo. **Sociedade e Cultura**, v. 13, n. 2, p. 211-220, jul/dez 2010.

SPYER, Juliano *et al.* Tudo o que você precisa saber sobre o twitter (você já aprendeu em uma mesa de bar). **Google Talk 2**. Disponível em: <<http://www.talk2.com.br/>>. Acesso em: 21 out. 2011.

TAVARES, Elaine. Ao povo, a comunicação... *In.*: OURIQUES, Nildo. **Raízes no Libertador**: Bolivarianismo e poder popular na Venezuela. Florianópolis: Insular, 2005.

TELLAROLI, Taís M; IJUIM, Jorge K. Comunicação no mundo globalizado – Tendências no século XXI. **Revista Ciberlegenda**, ano 10, n. 20, jun 2008.

TELESUR. Disponível em: <<http://www.telesur.net>>. Acesso em: 12 maio 2011.

TWEETRANK @chavezcandanga. **Portal Terra**. Disponível em: <<http://www.tweetrank.com.br>>. Acesso em: 24 out. 2011.

TWITTER. Disponível em: <<http://twitter.com>>. Acesso em: 31 out. 2011.

UCHOA, Pablo. **Venezuela**: A encruzilhada de Hugo Chávez. São Paulo: Globo LV, 2003.

VALENTE, Leonardo; SANTORO, Maurício. A Diplomacia Midiática do Governo Hugo Chávez. **Revista Espaço Acadêmico**, ano 5, n. 60, maio 2006.

VALOR de las exportaciones efectuadas por Venezuela, Enero-Agosto 2010-2011. **Instituto Nacional de Estadística**. Disponível em: <<http://www.ine.gov.ve>>. Acesso em: 20 out 2011.

VENEZUELA. Constitución de la República Bolivariana de Venezuela, de 20 de dezembro de 1999. Disponível em: <<http://www.tsj.gov.ve/>>. Acesso em: 24 maio 2011a.

_____. Decreto nº 825, de 10 de maio de 2000. Declara o acesso e o uso da Internet como política prioritária para o desenvolvimento cultural, econômico, social e político da República Bolivariana da Venezuela. Disponível em: <<http://www.defiendete.org/>>. Acesso em: 22 out. 2011b.

_____. Ley de Responsabilidad Social em Radio y TV, de 7 de dezembro de 2004. Disponível em: <<http://www.leyresorte.gob.ve/>>. Acesso em: 24 maio 2011c.

_____. Líneas Generales del Plan de Desarrollo Económico y Social de la Nación 2007-2013, de 13 de dezembro de 2007. Disponível em: <[http:// portaleducativo.edu.ve](http://portaleducativo.edu.ve)>. Acesso em: 27 set. 2011d.

_____. Plan Nacional de Telecomunicaciones, Informática y Servicios Postales. Disponível em: <<http://www.cnti.gob.ve>>. Acesso em: 24 maio 2011e.

VENEZUELA'S Stalemate. **The Washington Post**, Washington DC, 2 jan 2003. Disponível em: <<http://www.highbeam.com/>>. Acesso em: 08 out 2011.

VIEIRA, Luiz Vincente. A Constituição Venezuelana de 1999 e a superação do sistema representativo parlamentar. *In.*: OURIQUES, Nildo. **Raízes no Libertador**: Bolivarianismo e poder popular na Venezuela. Florianópolis: Insular, 2005.

VILLA, Rafael Duarte. Venezuela: mudanças políticas na era Chávez. **Estudos Avançados**, v. 19, n. 55, 2005.

VTV. Hugo Chávez habla de su cuenta en Internet. **YouTube**. Disponível em: <<http://www.youtube.com>>. Acesso em: 25 out. 2011.